











### Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista - Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa) Virgínia Camilotti (UNIMEP)

### Francisco das Neves Alves

## O REGICÍDIO PORTUGUÊS E AS REPERCUSSÕES EM REVISTAS ILUSTRADAS BRASILEIRAS E LUSAS



- 79 -



UIDB/00077/2020









Lisboa / Rio Grande 2023 Ficha Técnica

Título: O regicídio português e as repercussões em revistas ilustradas brasileiras e lusas

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 79

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: "Assassinato do rei de Portugal e do príncipe herdeiro" – O MALHO. Rio de Janeiro, 8 fev. 1908.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2023

ISBN - 978-65-89557-70-8

#### O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

Atentados contra chefes de Estado foram comuns em meio às sociedades contemporâneas, mormente na passagem do século XIX ao XX. Nesse contexto, um dos crimes políticos mais notórios ocorreria em Portugal, no ano de 1908, com o assassinato do rei D. Carlos e do seu filho primogênito, o príncipe herdeiro Luís Felipe. Em uma conjuntura lusa já marcada por profunda crise, a qual se agudizou do regicídio em diante, resultando na queda da forma monárquica, com a ascensão do regime republicano em 1910. A nação lusa sofria com amplas dificuldades de ordem econômico-financeira, as quais traziam também reflexos na vida social, com o crescimento da pobreza e da insatisfação pública. Pouco industrializada e dependente de outras potências, notadamente a Grã-Bretanha, a situação lusa era de penúria econômica. No campo político ocorria um enfraquecimento generalizado do sistema bipartidário, com o esfacelamento das agremiações políticas tradicionais e o recrudescimento do ideário republicano, assim como de outras matizes ideológicas, como o socialismo e o anarquismo. Em termos de relações exteriores, Portugal cada vez mais perdia prestígio, atuando como um país periférico no concerto europeu, além de sofrer graves reveses em relação a suas possessões no continente africano, cobiçados por outras nações imperialistas mais fortes. A morte do soberano e de seu sucessor imediato, com a posse de um monarca extremante jovem e pouco experiente só viria a contribuir com tal quadro de crise generalizada.

No dia 1º de fevereiro de 1908, por volta das 17 horas, a Família Real, que regressava do interior, desembarcou na Estação Fluvial da Praça do Comércio, para a retomada da rotina pós-viagem. Entretanto, no momento em que a

carruagem real passava pelo início da Rua do Arsenal, foi alvo de um tiroteio que vitimou o monarca e o seu filho, escapando ilesa a rainha D. Amélia. Por outro lado, dois dos regicidas, Manoel Buiça, o autor dos golpes fatais com a sua carabina Winchester, e Alfredo da Costa, o qual disparou pelo menos dois tiros de pistola, apoiando-se do estribo do landau, foram abatidos pela polícia, que matou também um inocente, João Sabino da Costa. A partir daí, em poucos minutos Lisboa transformava-se em uma cidade fantasma. No que tange aos mandantes do crime e da possível participação de outros assassinos foram questões que permaneceram em aberto, assim como as implicações político-ideológicas que levaram ao regicídio, com acusações lançadas contra republicanos, anarquistas e até mesmo monarquistas¹.

O atentando criminoso contra D. Carlos e seu sucessor<sup>2</sup> teve ampla repercussão em meio à imprensa mundial, tornando-se notícia de primeira

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> MONICO. Reto. O regicídio de Lisboa. In: ALVES, Francisco das Neves & MONICO, Reto. *O regicídio português nas páginas da imprensa rio-grandina*. Lisboa: CLEPUL; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2016. p. 13.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> A respeito do regicídio português, ver: ALMEIDA, Antônio Ramalho de. *O regicídio: um crime mais que perfeito.* Porto: Fronteira do Caos, 2008.; BRANDÃO, José. *Portugal trágico: o regicídio.* Lisboa: Âncora, 2008.; CARRAPATO, Júlio. *O regicídio, o 5 de Outubro de 1910, a I República portuguesa e a intervenção anarquista.* Faro: Editora Sotavento, 2011.; CARVALHO, Manuel Jorge Pereira de. *Prenúncios de mudança: do 31 de janeiro ao regicídio.* Matosinhos: QuidNovi, 2010.; CASTRO, Aníbal Pinto de. *O regicídio de 1908: uma lenta agonia da história.* Porto: Livraria Civilização, 2008.; CHOUZAL, Bernardo. *Regicídio e regnicídio: o crime do Terreiro do Paço: um ano depois.* Lisboa: Livraria Ferreira, 1909.; EVANS David & CANAVEIRA, Manuel Filipe (coords.). *Regicídio e República: olhares britânicos e norte-americanos.* Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2010.; HENRIQUES, Mendo Castro et al. *Dossiê regicídio: o processo desaparecido.* Lisboa: Tribuna, 2008.; MORAIS, Jorge. *Regicídio: a contagem decrescente – monárquicos, republicanos* 

página, chegando mesmo a alcançar a manchete principal e a ocupar a íntegra da área de impressão, mantendo-se como matéria destacada por vários dias. Esteve assim na condição de um evento dominante na opinião pública internacional, constituindo aquilo que, em termos coetâneos, poderia ser considerado como um acontecimento global, em uma época na qual o desenvolvimento dos meios de comunicação ainda não permitia o surgimento de muitos acontecimentos desse tipo. Nesse sentido, o regicídio chamou a atenção do mundo para um país que até então ocupava um espaço residual na imprensa internacional, a qual se voltou para o drama português<sup>3</sup>.

Ao registrar a conjuntura e os episódios que cercaram o regicídio, a imprensa teve um papel essencial, uma vez que a morte, ainda mais de personalidades consideradas proeminentes, tem como uma de suas necessidades fundamentais a publicidade<sup>4</sup>. Tratava-se assim de um culto à memória, um culto aos mortos e um culto à lembrança<sup>5</sup>. O perecimento da vida

\_

e carbonários na preparação do atentado de 1º de fevereiro de 1908. Sintra: Zéfiro, 2007.; PAILLER, Jean. D. Carlos I, rei de Portugal: destino maldito de um rei sacrificado. 2a ed. Lisboa: Bertrand, 2002.; RAMALHO, Margarida Magalhães. 1908: um olhar sobre o regicídio. Lisboa: Sextante Editora, 2008.; REGO, Manuela (coord.). 1908: do regicídio à ascensão do republicanismo. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.; SALGUEIRO, Jerônimo O regicídio e seus fatores perante a história. Braga: Imprensa Bracarense, 1909.; e SAMARA, Maria Alice & TAVARES, Rui. O regicídio. Lisboa: Tinta-da-China, 2008.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> VIEIRA, Joaquim & MONICO, Reto. *Mataram o rei! – o regicídio na imprensa internacional* . Almoçageme: Pedra da Lua, 2017. p. 15.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 100, 203-204.

aparecia desse modo em sua função de memória coletiva, em meio a qual a epopeia criada em torno dela não era destinada aos mortos, dirigindo-se, isto sim, muito mais aos vivos. Nessa linha, a ação do jornalismo servia para garantir a sobrevida dos mortos considerados ilustres<sup>6</sup> e a imprensa brasileira e portuguesa desempenhariam tal papel em larga escala, sendo as repercussões do ato regicida em revistas ilustradas do Brasil e de Portugal, as últimas como breves estudos de caso, o objeto de abordagem da presente pesquisa.

-

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Medicina* (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1), p. 14 e 19.

### ÍNDICE

O regicídio em revistas ilustradas brasileiras / 15

O atentado regicida em revistas ilustradas portuguesas: dois breves estudos de caso / 203

## O REGICÍDIO EM REVISTAS ILUSTRADAS BRASILEIRAS

As tradicionais e históricas relações luso-brasileiras e a presença de uma numerosa colônia portuguesa em vários lugares do Brasil foram fatores que serviram para a forte presença de temáticas lusitanas no noticiário expresso por meio da imprensa do país tropical. Nessa linha, o regicídio de 1908 trouxe profundo impacto em meio ao jornalismo brasileiro, com uma tendência geral de lástima e glorificação em torno dos personagens assassinados. Após momentos de desagregação entre Brasil e Portugal, notadamente depois da instauração da forma republicana naquele, os quais chegaram ao ápice com o rompimento diplomático, ocorreria um processo de reaproximação, marcado por exemplo com os festejos do quarto centenário do descobrimento e que chegaria ao apogeu com a visita do soberano português, por ocasião do centenário da abertura dos portos à época joanina. Assim, ao lado da comiseração para com o ocorrido, houve também o pesar pela interrupção no projeto que viria a coroar a tendência de plena conciliação e os periódicos brasileiros refletiram sobre tais questões. Dentre os vários representantes da imprensa brasileira que abordaram o regicídio, estiveram as revistas ilustradas que, com seu primor editorial e riqueza imagética, ganhavam terreno em meio ao público leitor que consumia os produtos jornalísticos<sup>7</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> A respeito do processo de evolução das revistas no Brasil, ver: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944). São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C.

Criada no Rio de Janeiro, em 1904 e circulando até 1909, *Kosmos* se apresentava como "revista artística, científica e literária". Entre suas propostas estava a de tomar "por modelo as mais notáveis publicações ilustradas europeias e norte americanas, lutando com incríveis embaraços em um meio tão mal aparelhado para semelhantes empresas". Assim visava a reunir em suas "oficinas os mais variados ramos das artes gráficas, que em mais adiantados centros constituem verdadeiras especialidades. Pretendia também fazer de suas páginas "um artístico álbum das belezas naturais" e "dos primores de artistas" nacionais, "propagando o seu conhecimento a pontos do país e do estrangeiro". Garantia que seria alheia "inteiramente às lutas políticas", o que, "por sua natureza lhe é vedado", prometendo "inteira neutralidade", ao registrar "os acontecimentos políticos sem contudo ultrapassar os limites da crônica". Buscava ainda franquear "suas páginas a todas as manifestações intelectuais, esperando assim, modestamente, cooperar para o desenvolvimento e progresso de nossa terra"<sup>8</sup>.

de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

<sup>8</sup> KOSMOS. Rio de Janeiro, jan. 1904.

A Kosmos abordou o regicídio português se referindo aos "trágicos acontecimentos que malsinaram e ensanguentaram o começo de fevereiro" de 1908, dizendo que "nos comentários com que foi recebida a notícia do assassinato do rei e do príncipe herdeiro de Portugal, figurou toda a gama vasta e variada das impressões", que refletiam um "momento de comoção profunda", que "podem dominar a alma humana", ou seja, "cólera, piedade, horror, indignação, dó, surpresa, revolta, acabrunhamento moral". Salientava, entretanto, que passado pouco tempo, "morreram os últimos ecos do pranto e das maldições", com a ascensão de um "novo rei", além do que lastimava o fim da possibilidade de conclusão do projeto da vinda do soberano português ao território brasileiro. Quanto aos registros fotográficos, a Kosmos mostrava detalhes das ruas portuguesas, os corpos dos assassinos, cenas do funeral do monarca, algumas ações registradas iconograficamente de D. Carlos, os retratos do novo ministério e o retrato do novel soberano luso<sup>9</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> KOSMOS. Rio de Janeiro, fev. 1908.



## KÓSMOS

ração e de respeito as cabeças dos mais encarniçados adversarios da monarchia.

Correm pelas ruas de Lisboa os carros fu-nerarios em demanda de S. Vicente de Fóra

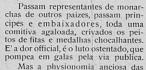
Correm os dias de lucto. Um novo governo se apresenta ao paiz, trazendo em seu programma inaugural a condemnação de todos os actos que motivaram o regicidio.

A vontade ferrea de João Franco quebra-se ante o funesto resultado da reacção dictatorial e o ex-Presidente do



Gonselho corre a esconder bem longe, nas tranquillas montanhas da Helvecia — ninho da liberdade, — o Pantheon dos monarchas portuguezes.

A plebe se amontoa pelas calçadas, curiosa e commovida. Passam representantes de monar-



mulheres do Povo, rudes mulheres de trabalho, não acompanha o prestito de principes e embaixadores que não as attrahem os doirados dos



CONDES DE S. LOURFNÇO O NUNCIO APOSTOLICO

patria da Democracia - o convulsionado espi- galões e o brilho das condecorações; buscam rito, toda a sua obra afogada no sangue purpureo da Familia Real.

Correm os dias de luto.

Realizam-se os actos da Pragmatica — e o infante D. Manoel, trazendo ainda ao peito o braço que alcançaram as balas assassinas, solicitado pelos deveres de portador de um sceptro, sentindo o peso dessa coroa que cahiu-lhe sobre a fronte inesperadamente e em que os rubins sahidos das minas da India e do Brasil tem reflexos sanguineos como a recordar-lhe sempre o drama que o tornou rei, murmura dolorosamente:

Nem tempo tenho para chorar!



GENERAL CUNHA

MAJOR WADINGTON E ALMIRANTE CAPELLO



O CARDEAL PATRIARCHA

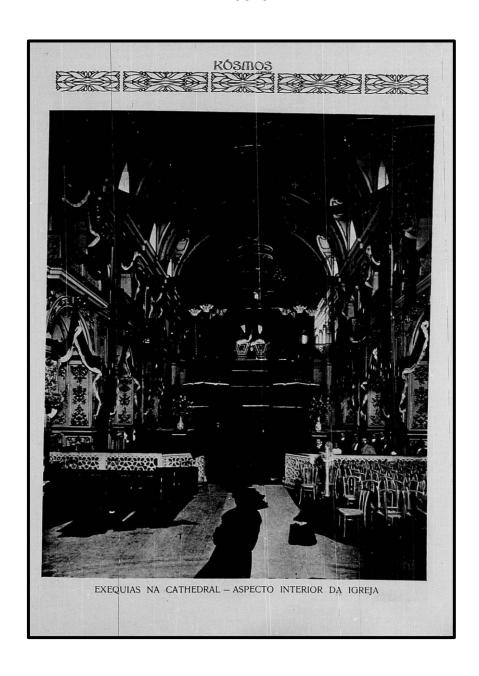
E MINISTRO DA ITALIA

no cortejo com o olhar humido e compassivo a figura soberana da mulher-mãe que unica no seu heroismo, salvando o herdeiro do throno, salvou tambem o prestigio da Realeza; mas não a vêm os olhos anciosos, que nesta hora, princeza catholica, em seus aposentos, despedaçado o coração, implora aos pés da cruz pela vida do filho que lhe resta – do Rei de Portugal.

No coração aberto á todos os affectos, onde se aninhavam um mundo de ternura para todas as









24



A revista *A Leitura para Todos* foi editada no Rio de Janeiro entre 1905 e 1930, e apresentava-se como "magazine mensal ilustrado". Apesar do formato menor em relação a outras publicações do mesmo gênero, apresentava uma boa feitura gráfica e pretendia constituir uma revisão mensal dos acontecimentos do período transcorrido. Tinha uma pauta editorial diversificada, trazendo em suas páginas o noticiário nacional e internacional. Pretendia cumprir um "vasto programa", como "a obriga o seu título", demarcando que o custo de seus exemplares e assinaturas estariam a demonstrar que seria "antes de tudo destinada às classes populares". Intentava apresentar em suas edições "sempre leitura de qualidade, proveitosa e interessante", com "artigos de informação" e oferecendo "páginas de curiosidades, poesias, contos e romances"<sup>10</sup>.

O registro do assassinato do soberano luso e de seu herdeiro foi realizado por *A Leitura para Todos* ao se referir à "tragédia de Lisboa" e a "um crime hediondo", tendo sido o rei "barbaramente assassinado". Comentava que "o cruel atentado do Terreiro do Paço, ferindo dolorosamente o povo português, teve repercussão no Brasil, não só pelo grande número de cidadãos lusitanos" que viviam no Brasil, "em fraternal acordo, como pela simpatia calorosa e profunda que todos os brasileiros dedicavam a esse soberano ilustrado, liberal e bondoso", o qual "era esperado ansiosamente em nossa terra". A partir da cobertura de suas páginas, a publicação propunha-se a, "consignando o lúgubre drama", vir a "observar-lhes os antecedentes e apreciar a situação em que se debate o reino amigo", que constituía a "pátria-mater da nacionalidade brasileira". Explicitava

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, nov. 1905.

que as primeiras reações no Brasil foram "de assombro", com os "boatos alarmantes" que se espalharam, informando que D. Carlos "gozava de simpatia geral" do povo, tanto que "representava e personificava as melhores qualidades" dessa população. Assim, considerava que o crime político fora "uma desgraça imensa para todos", trazendo fotografias de vários dos personagens envolvidos, de cenários portugueses e de lugares de convivência do falecido soberano<sup>11</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, fev. 1908.





#### A tragedia de Lisboa

99

inimigos - nação pequena, sem grandes recursos militares, fazse respeitar na Euro-pa pela lealdade de sua diplomacia e a inteireza do caracter de seu povo.

D. Carlos represen-tava e personifica va as melhores qualidades d'esse povo e como tal — acclamado no paiz, festejado em Londres, como o mais poderoso dos monarchas, era recebido em todas as outras capitaes com manifestações em que transparecia acima de tudo sympathica deferencia.

Se no estrangeiro era assim, em Portugal, póde-se dizer sem exagero que era adorado pelo seu povo. Quem não teve já — aqui — occasião de observar o fervoroso affecto de todos os luzitanos pelo seu rei?

D'esse modo, por



Sua Magestade El-Rey D. Manuel II.



Sua Magestade a Rainha D. Amelia.

muitas horas, mesmo após a confirma-ção official — mesmo quando já não eram permittidas duvidas, ainda resta-va, insistente, pertinaz, em todos os es-piritos, a impressão primeira: —impossivel!

sivel!

Foi uma desgraça immensa para todos — porquanto até agora ainda não se conseguiu descobrir, para esse crime, razão ou vantagem, que o justifique.

A philosophia pessimista e sceptica affirma que sempre as mais horriveis catastrophes trazem vantagem a alguem. Mas, nesse doloroso drama, quem poderá ter lucrado? O partido republicano portuguez? Não, de certo, pois que o sangue derramado no Terreiro do Paço, vem—éopinião—geral, tornar mais difficil, impossivel quasi, o estabelecimento da republica em Portugal.

Guerra Junqueiro não hesitou em declaral-o; Bernardino Machado o reconhece e está na consciencia de todos o quanto seria odiado o regimen que mesmo alheio ao nefando crime, d'elle

mesmo alheio ao nefando crime, d'elle



### A tragedia de Lisboa

101

apparecimento do rei D. Carlos— e com nações encontram-se, por vezes, deante elle não desappareceram as difficulda- de problemas que a má vontade de uns, des da politica -- antes se tornaram mais as ambições de outros e os interesses rudes e intrataveis.

Estamos, pois, deante de uma des-



Sua Magestade El-Rey D. Manuel II,com o uniforme de alumno da Escola Na-

graça tão completa que a ninguem aproveita - trouxe apenas desolação e poz em perigo as forças vivas do reino, exigindo do patriotismo portuguez mair

altos sacrificios. Si alguem pensou em resolver os graves problemas, que assoberbavam o reino, ferindo a pessoa sagrada do soberano — esse alguem errou profundamente, porque mais grave ainda são hoje os obstaculos ao bem estar de Portugal.

As difficuldades na politica portu-gueza não de são hoje; de muito longe véem, nascidas dos erros, dos desac-cordos e da intransigencia dos parti-dos monarchicos.

Como a França, ha 15 annos, Portugal passava por uma crise violenta. As

partidarios envenenam de modo a creat sobre tudo e sobre todos uma athmophera de desconfianças. Então, dia a dia,

as difficuldades se erguem, mais e mais. Todos os actos, todas as palavras, são interpretados de modo lamentavel — e os espiritos vão se exaltando, as divergencias se cavam mais fundas, nascem os odios e tudo parece perigoso ou infame.

Em França foi a questão Panama e depois o processo Dreyfus, cujas consequencias ainda hoje arrastam o gover-no e a majoria a exageros de radicalis-ta — ao estado de guerra contra a mi-

noria odienta e implacavel.

Em Portugal a fonte ou, pelo menos, a aggravante da crise política, foi a questao da Companhia do Tabaços, que apaixonou todos os espiritos, fez des-cer as discussões ao terreno das injurias, das suspeitas infamantes e con-flagrou violentamente os partidos.

Durante quasi dois annos o gabinete presidido pelo Sr. José Luciano deba-teu-se nas difficuldades d'essa discussão, que a todos envolvia e atacava. Apezar

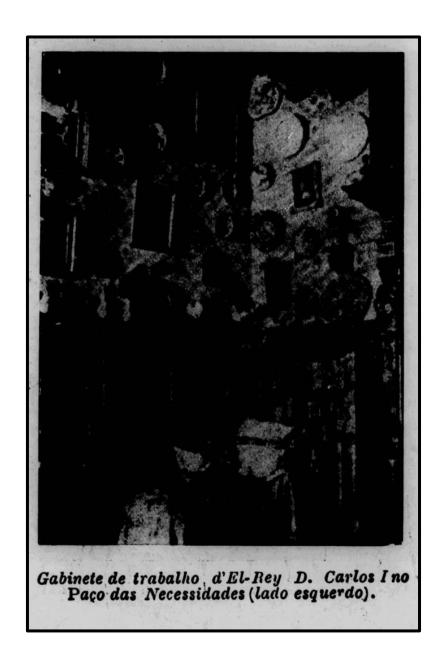


O conselheiro Ferreira do Amaral, presidente do primeiro conselho de ministros, organisado por D. Manuel 11.



# . A tragedia de Lisboa 103 o do Sr. João Franco, que foi chamado por El-Rey para organisar o novo ministerio. Até ahi a situação era clara e mostrava o quanto D. Carlos, liberal e tolerante, se empenhava em manter o seu papel de soberano constitucional — governando com a opiniao. De facto, o gabinete Hintze Ribeiro — conservador ardoroso — só comettera uma falta so — só comettera uma falta — a de atacar com demasiada aspereza os inimigos declarados do throno e da realeza. Mas como esses actos de enermas como esses actos de ener-gia haviam desagradado á opi-nião publica, o rei não hesitou em chamar ao governo o terem chamar ao governo o terceiro partido. Assim devia ser interpretado o acto d'El-Reye assim o gabinete João Franco devia ser recebido com sympathia. Mas, nas épocas de crise, a logica não acompanha a politica e viu-se justamente o contrario do que era licito esperar. Os partidos—republicano e liberal — abriram immediatamente a mais aggressiva das campanhas contra o Sr. João Franco, cuja presença, no governo, era cuja presença, no governo, era justamente uma prova do libe-Gabinete de trabalho d'El-Rey D. Carlos I, no Paço das Necessidades (lado direito). ralismo do soberano.

Entrada do Paço das Necessidades.



#### A tragedia de Lisboa

105

Começou o governo sein Camaras - a dictadura.

Que foi esse go-verno? Se a apreciação calma do futuro poderá diżel-o; mas o que não se póde negar é que o Sr. João Franco, com dedicação, patriotismo e coragem fez louva-



O Dr. Bernardino Machado, chefe do Partido Republicano Portuguez.

veis esforços para o bem de sua patria e para restabelecer a ordem no reino.

E' facto que, por vezes—exacerbado, talvez, pela opposição furiosa, commetteu violencias, mas o caso é que—como governante demonstrou como governante; demonstrou ser intelligente, bem intencio-

nado e capaz. Annunciava-se agora o fim d'essa crise, a convocação de novas Camaras; mas os disturbios nas ruas provocaram medidas de repressão severa e eis que de subito — inespe-rada, a tragedia do Terreiro do Paço interrompe-a, lançando o reino portuguez em transe angustiossisimo.

Havia quem receiasse que as medidas repressivas— verdadeiros golpes de Estado, como a suppressão de todos os como estados de todos de todos os como estados de todos jornaes opposicionislas—pro-vocassem um acto de vingan-ça, mas julgava-se em risco de vida apenas o Sr. João Franco; nunca passou por mente alguma, pelo menos no Brazil, que fosse D. Carlos o sacrificado — elle e o principe D. Luiz Felippe, que — era sabido — se manifestara, por varias vezes, contra o governo dictatorial.

O inditoso rei chamava-se Carlos, Fernando Luiz Maria Victor Miguel Ra-Fernando Luiz Maria Victor Miguel Raphael Gonzaga Xavier Francisco de Assis José Simao de Bragança Saboya Bourbon Saxe Coburgo Gotha e tinha os seguintes titulos: Rei de Portugal e dos Algarves, aquem e alem dos mares, na Africa, Senhor de Guiné, por conquista de navegação e commercio da Ethiopia, da Arabia, da Persia e da India, Magestade Fidelissima.

Nascido em Lisbóa a 28 de Selembro de 1863, falleceu com 44 annos de edade.

Foi discipulo do eminente scientista Antonio Augusto de Aguiar, e aos vinte e tres annos era um dos principes mais instruidos da Europa, quando a 22 de

instruidos da Europa, quando a 22 de Maio de 1886, deposou a princeza Amelia de Orleans.

No anno seguinte a 21 de Março nas-ceu o seu primeiro filho,o principe Luiz



Quarto de dormir de Sua Magestade El-Rey D. Carlos no Paço das Necessidades.



Uma das mais importantes revistas brasileiras foi O Malho, publicado no Rio de Janeiro, entre 1902 e 1953, trazendo uma proposta editorial marcada pela abordagem satírico-humorística e apresentando amplo conteúdo caricatural, além das incursões ao campo artístico-literário e às narrações voltadas ao cotidiano. De acordo com seu título, pretendia "malhar" a sociedade, no sentido de, informalmente, censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem em consonância com as propostas da publicação. Contou com a colaboração textual e iconográfica de alguns dos principais intelectuais e artistas brasileiros da época<sup>12</sup> e, a partir de suas páginas, a representação cômica da vida nacional adquiriu novas dimensões<sup>13</sup>, atingindo um significado profundamente popular<sup>14</sup>, ao levar para o homem da rua o espetáculo dos figurões e aquilo que o povo imaginava sobre as figuras da politicagem nacional<sup>15</sup>. Em consonância com o seu título, figurativamente, dizia que sustentaria a missão de utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, bem como pretendia contribuir para "todos os elementos" de "desenvolvimento do riso" e salientava que, em meio a tantas "tristezas e lamentações", faria soar "cantante o bimbalhar" de "sons alegres" nas bigornas<sup>16</sup>.

<sup>12</sup> SODRÉ, 2007, p. 301.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

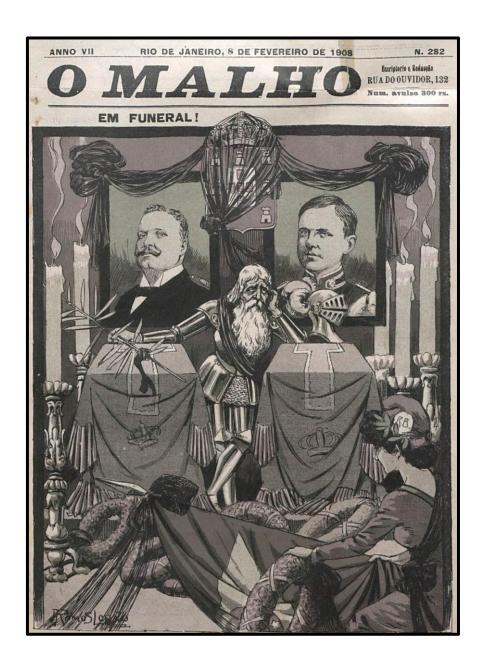
<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu.* São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

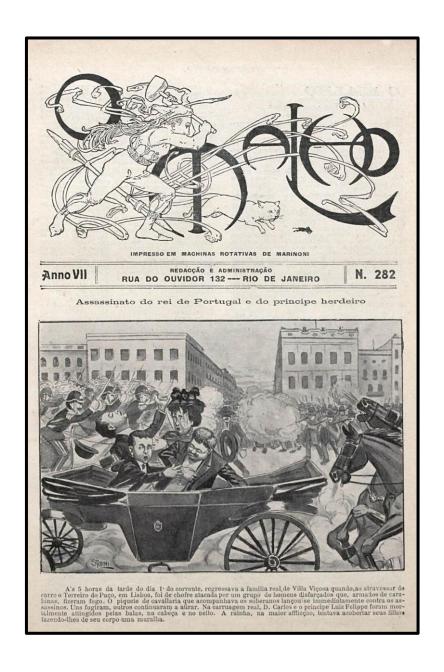
<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1902.

O Malho realizou uma ampla cobertura dos acontecimentos portugueses de fevereiro de 1908. Logo na capa, mantendo tons escuros e evitando a impressão em cores, apresentava os retratos do soberano e de seu filho, assim como representava o funeral dos mesmos, trazendo entre os esquifes a figura do velho cavaleiro – símbolo da nação lusa – meditabundo, compondo também o quadro a imagem da dama republicana, em alusão ao Brasil, que levava coroas de louro para o solenidade fúnebre. Os personagens que compunham a cena se manifestavam diante do ocorrido, com a "República Brasileira" afirmando: "Diante dos túmulos de D. Carlos e do príncipe herdeiro, amigos arrebatados à minha amizade pela traição – a homenagem da minha dor sincera!". Ao que o "Velho Portugal" agradecia e declarava: "Obrigado, filha!... Lutei tantos séculos pela civilização, andando por mares nunca d'antes navegados, dando mundos ao mundo, pelejando pela fé e pela liberdade, para, afinal, dentro dos meus próprios muros, e às minhas barbas", ocorrer uma "ironia cruel", ao esbarrar "com uma horda de bárbaros e traidores". O cavaleiro ainda exclamava: "Justos céus! Dai-me forças para não morrer de vergonha, que, para vingar-me da afronta ao meu passado, eu as tenho ainda, de sobra!...". A folha trazia também uma ilustração que representava o "assassinato do rei de Portugal e do príncipe herdeiro", descrevendo o episódio<sup>17</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 8 fev. 1908.





A revista carioca lembrava que "D. Carlos vinha ao Brasil" e que isso "ficara definitivamente decidido, dede o dia em que o ilustre e varonil monarca de Portugal aceitara, jubiloso o convite do nosso governo, ressalvando apenas, e fatidicamente o 'caso de força maior'". Considerava que essa aquela seria uma antiga aspiração "que se ia enfim realizar" e "tudo se preparava para dar-se o máximo brilho a essa visita real, a primeira dessa estirpe que o Brasil contaria, entre as muitas ilustres que tem tido". Constatando ainda que "não havia quem se não sentisse satisfeito com a grata expectativa de uma festa constante e colossal, animando durante muitos dias toda esta enorme cidade" e que "à frente dos preparativos para realce dessa festa monumental estava o nosso governo", além da "colônia portuguesa", que "delineava um plano grandioso de homenagens". Além disso, apontava que "de todos os Estados do Brasil chegavam notícias de adesão aos festejos", sendo "certo que uma população adventícia, nunca menor de cem mil almas, viria engrossar a multidão em movimento pelas avenidas do Rio de Janeiro, para assistir às solenidades e ver o real visitante"18.

O periódico ilustrado lamentava que todo esse planejamento fora condenado ao fracasso, tendo em vista o anúncio da morte do monarca luso, destacando que "dificilmente se concebem a consternação e o horror que tal notícia despertou", uma vez que "o soberano português só merecia a estima do seu povo, mesmo quando, depois de ver o seu país ingovernável por todos os partidos que se revezavam no poder", dera "força a um homem de talento,

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 8 fev. 1908.

honestíssimo, patriota e bem intencionado, com o fito único de colocar o reino nesse trilho administrativo que faz a prosperidade das nações". Citando um político britânico, dizia que "o atentado de Lisboa" fora "uma vergonha para toda a raça humana", uma vez que a ação "de um grupo de degenerados, criminosos natos, assassinos vulgares, indignos da comiseração da sociedade", não poderia "representar os sentimentos legítimos de um povo audaz, heroico e leal, tradicionalmente afetuoso"<sup>19</sup>.

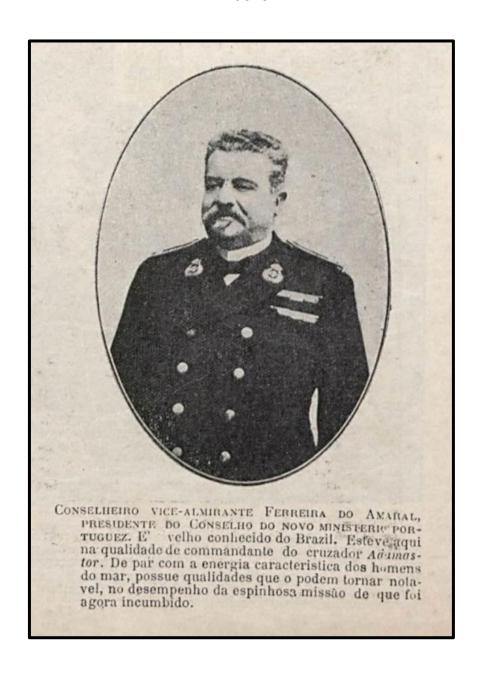
De acordo com *O Malho*, "o sentimento de reprovação a esse crime é intensíssimo e geral", tendo sido "ilimitadas as manifestações de pesar universal por esse atentado infame". Destacava que "todas as nações civilizadas, repúblicas ou monarquias, manifestaram a repulsa por esse bárbaro e estúpido regicídio", o qual, "ao mesmo tempo, enlutou uma família respeitável e uma nação gloriosa em cuja história a civilização da humanidade escreveu os seus melhores capítulos". Comentava ainda que, mais do que todas as nações, o Brasil sentira "esse golpe tremendo na vida da nação que foi o berço da sua individualidade", já que "a dor que se feriu também nos fez vibrar a sensibilidade, assente sobre laços de sangue e na solidariedade moral que liga habitualmente os indivíduos de alma sã diante das emboscadas do crime". Desse modo destacava que os brasileiros estariam sofrendo "com a enorme dor" que "avassala" os lusitanos, em verdadeira "reciprocidade de sentimentos"<sup>20</sup>.

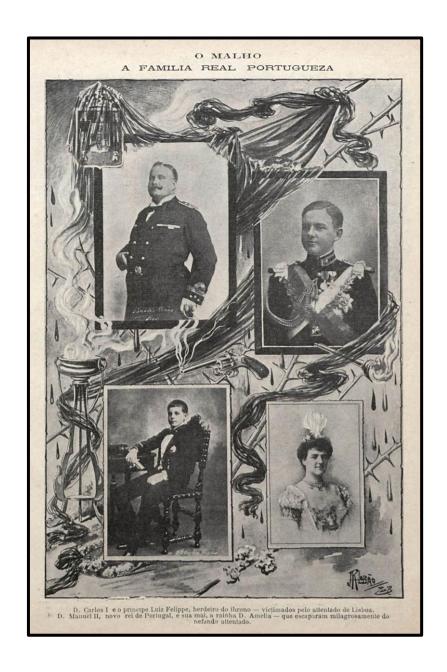
<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 8 fev. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 8 fev. 1908.

Os registros fotográficos apresentavam o chefe do novo ministério luso; um conjunto trazendo D. Carlos e a esposa D. Amélia, além dos filhos Luís Felipe e Manoel; o último retrato de D. Carlos e outro do conselheiro João Franco. Foi publicada também uma ilustração alegórica denominada "Uma impressão sobre os sucessos de Portugal", na qual a figura feminina que representava a República Brasileira buscava afastar-se de outra imagem feminil, que simbolizava o ideal republicano entre os lusitanos, a qual impunha uma espingarda e encontrava-se com as mãos e as vestes sujas com o sangue do rei e de seu filho, cujos corpos apareciam estendidos ao chão e perfurados por lança que trazia uma esfarrapada bandeira com as inscrições "igualdade, fraternidade e humanidade". Além disso, a República Portuguesa, que trazia um ar de maldade em suas feições, calcava aos pés aquilo que era considerado como a "gloriosa tradição de Portugal", em alusão a um rompimento com tal princípio. Na legenda, a República Brasileira dizia não pretender manchar-se com aquela atitude "indigna", de alguém que poderia surgir com base em um "alicerce de sangue"21.

<sup>21</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 8 fev. 1908.











Uma outra capa de O Malho apresentava a coroação do novo soberano luso, com a afirmação "rei morto, rei posto!". Além de Manoel II, apareciam seus familiares e o velho cavaleiro que designava a nação portuguesa, o qual estaria a manifestar-se com otimismo quanto ao futuro da monarquia lusitana, ao garantir que "não importa que seja um rei-menino", pois "será um forte e um gigante, símbolo da grandeza e da glória", desde que "as paixões políticas abaterem as armas desleais, a bem da pátria e do povo". A revista comentava sobre a continuidade das manifestações relacionadas ao regicídio, afirmando que, "de norte a sul, não há localidade por humilde que seja de onde não tenha vindo a expressão da solidariedade na dor dos que lamentam o assassinato do rei artista, como um ato estúpido e selvagem". Além de retratos das personalidades em pauta, o segmento imagético do periódico, abordando "pessoas e coisas em evidência", trazia detalhes da vida cotidiana do soberano assassinado, cenários portugueses, voltando a publicar a montagem com a Família Real lusa e a capa da edição anterior, reproduzida "a pedido", uma vez que tal número fora "completamente esgotado"<sup>22</sup>.

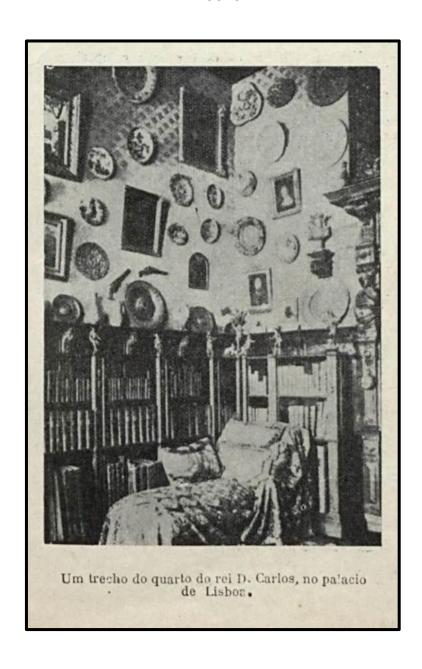
<sup>22</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 15 fev. 1908.

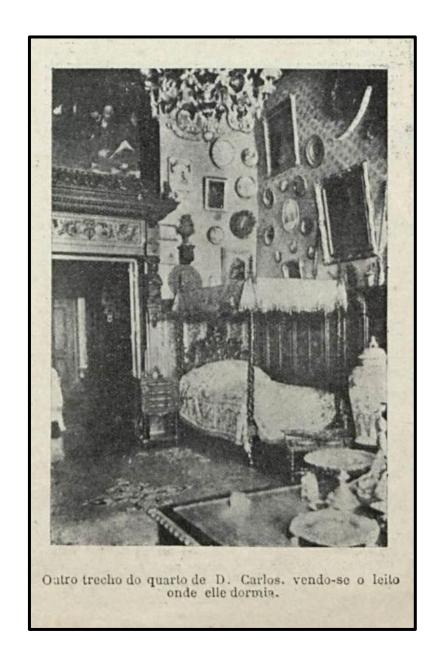






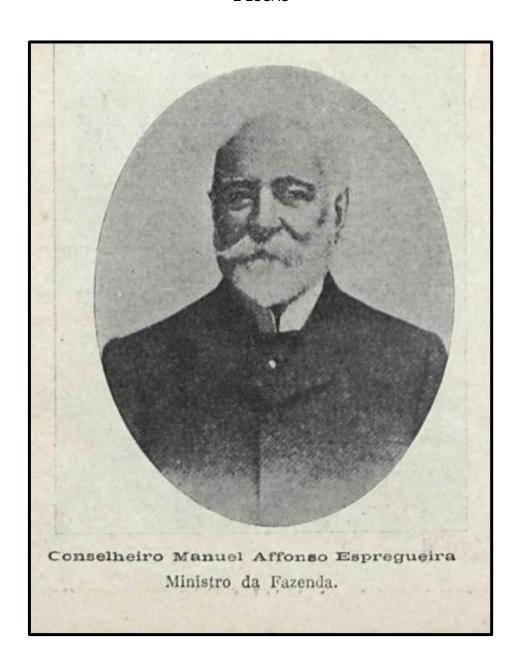


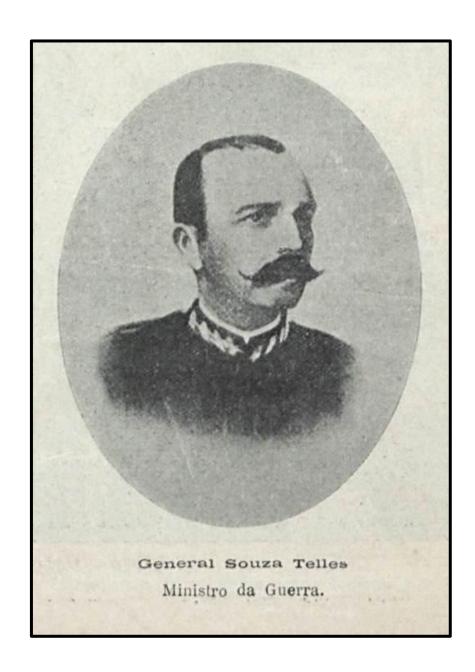


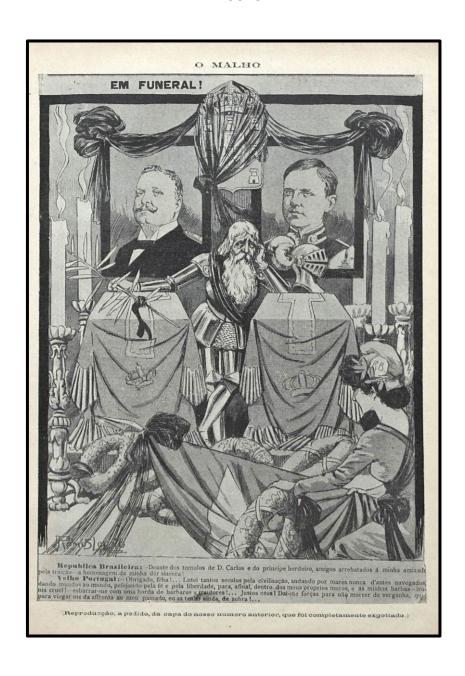


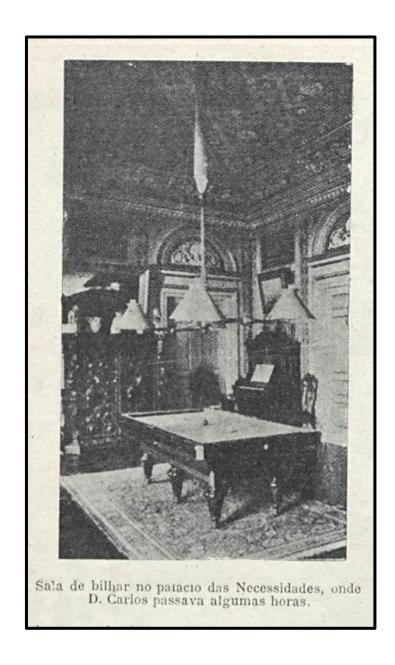






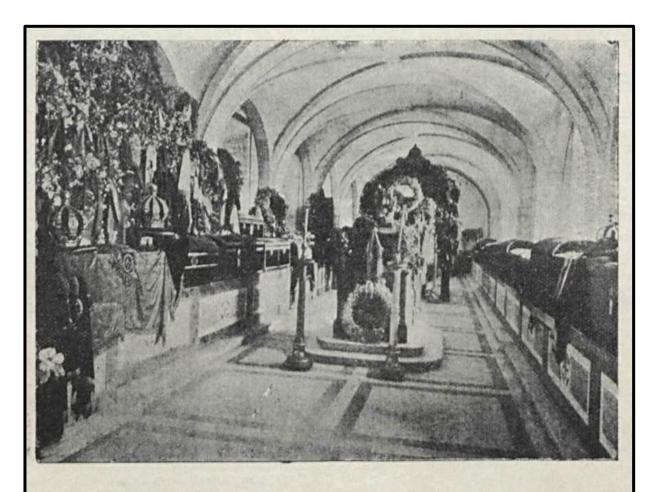






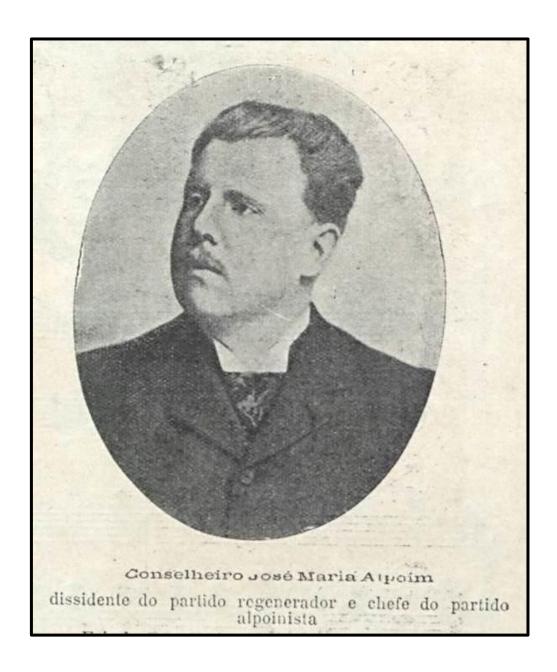


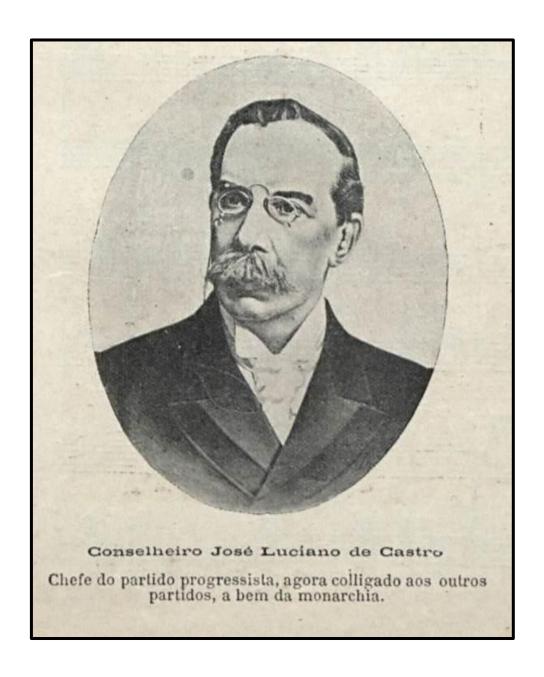


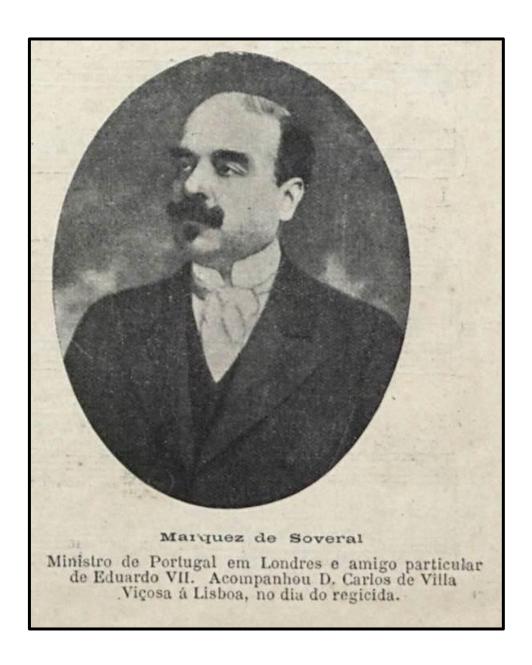


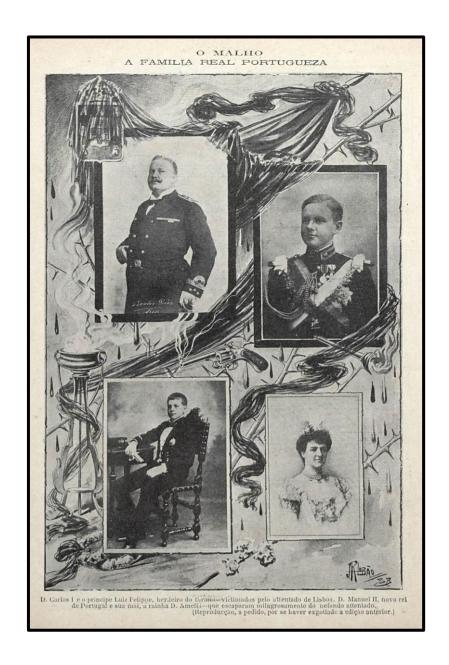
O Partheon de S. Vicente de Fóra, onde agora foram depositados os cadaveres de D. Carlos e D. Luiz Felippe, e onde estão, com muitos monarchas de Portugal, os corpos de D. Pedro de Alcantara e D. Thereza Christina, imperador e imperatriz, que foram, do Brazil.





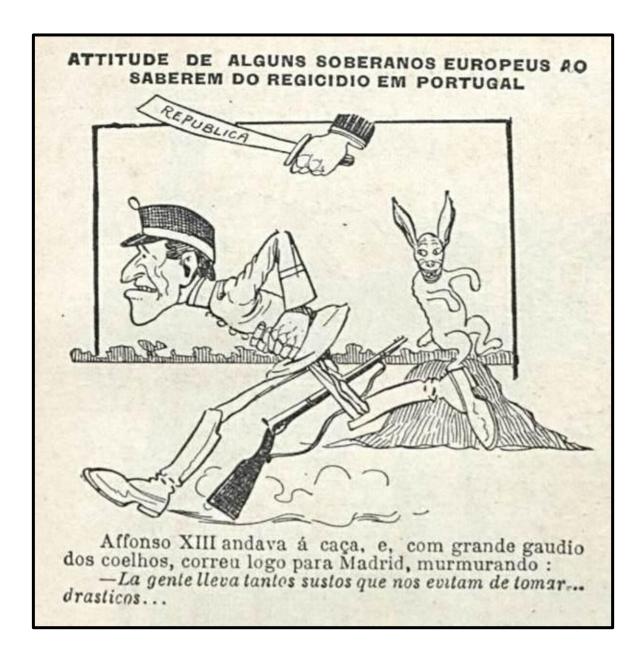






As repercussões quanto ao assassinato do monarca luso em O Malho deram-se também por meio da arte caricatural. Em um conjunto de caricaturas denominado "Atitude de alguns soberanos europeus ao saberem do regicídio em Portugal", mostrava o susto do rei espanhol diante da chegada de uma espada republicana que balançava sobre sua cabeça; o kaiser alemão chorando, com "terrível impressão", ficando "tão trágico" perante o acontecimento; o monarca inglês enviando seus pêsames na forma de belonaves; ao passo que o czar russo apresentava reação belicosa, diante de possíveis atentados. Em tom de fábula, o periódico trazia vários animais discutindo os destinos do leão, mas, diante da possibilidade de "matar o rei", tal ato foi considerado como uma "traição", a qual seria própria apenas para os homens. Os comentários sobre o tratamento dado aos republicanos lusos em meio à população brasileira também foram representados pela publicação carioca. A composição caricatural intitulada "Em tempo de guerra, mentira como terra", a folha brasileira fazia ressurgir a figura do "Zé Povo", criação de Rafael Bordalo Pinheiro e que se tornara verdadeira alegoria do povo português, mostrando o personagem profundamente preocupado com as notícias que os jornais brasileiros divulgavam sobre os acontecimentos em Portugal. Era destacada também uma "briga de portugueses no Rio de Janeiro", trazendo o enfrentamento entre os membros da colônia lusa defensores das formas republicana e monárquica. Em outro desenho sobre "opiniões!", o semanário enfatizava a conversa de dois brasileiros acerca do regicídio considerado como "uma tragédia bárbara", desaconselhando aqueles que pretendessem ser uma "palmatória do mundo"23.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 15 fev. 1908.

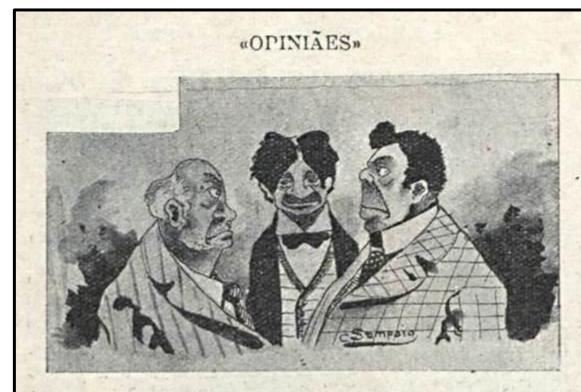










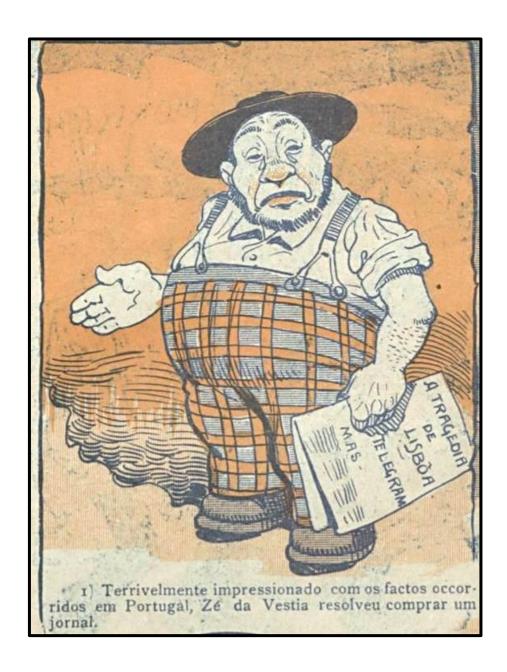


— Você leu aquelle boletim convidando os portuguezes a se reunirem na praça do Mercado afim de resolver sobre o destino que se devia dar aos republicanos luzos?

- Li; foi uma boa pilheria que a nossa policia tomou

a serio ...

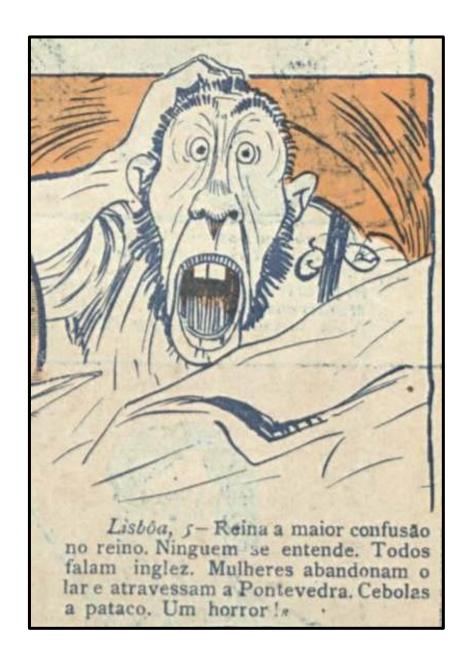
—Pilheria desnecessaria...Todo mundo sabe, pelas declarações do chefe, que os republicanos portuguezes resolveram ficar de escabeche, até que a nação os reclame para a mesa do orçamento...



















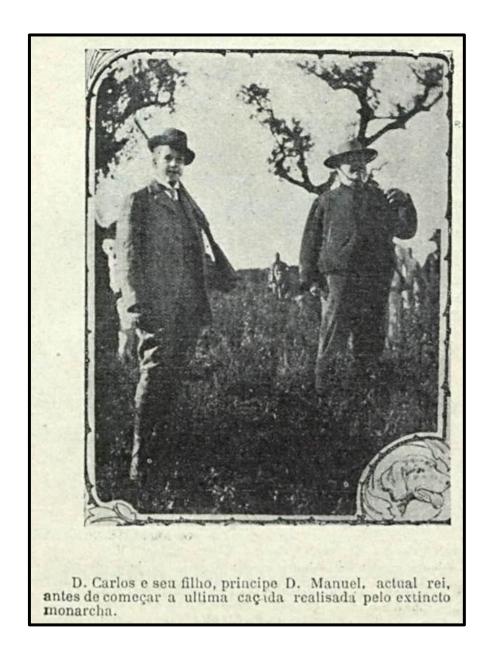
Já em outra edição, O Malho apresentava registros fotográficos do monarca assassinado, referindo-se aos "últimos dias do rei de Portugal", em cenas de uma caçada "na Tapada Real de Vila Viçosa". Era apresentado ainda "um trecho do Palácio das Necessidades, residência dos reis de Portugal em Lisboa". Em caricatura carregada de ironia o periódico mostrava um diálogo entre um inglês e um africano, que debatiam sobre a "selvageria" do regicídio, em comparação com a violência das práticas imperialistas na África. Os boatos e o possível registro imagético do assassino do rei português também foi alvo de abordagem jocosa de parte da publicação humorística. Em outro desenho, um novato político brasileiro via na jovialidade do novo rei português uma inspiração para sustentar suas ambições"24. Um quadro de um artista luso representando o regicídio e as fotografias dos regicidas foram outros registros iconográficos apresentados pela folha carioca"25. Retratos de membros da Família Real e do novo governo, bem como das exéquias do rei assassinado também fizeram parte da pauta editorial de O Malho, assim como uma caricatura que mostrava o novo rei e alguns políticos buscando soluções para a saúde da nação portuguesa, representada por uma mulher enferma"26.

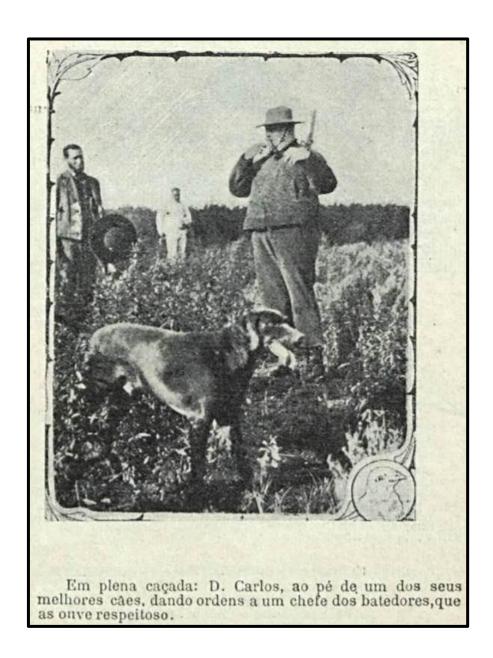
•

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 22 fev. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 29 fev. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 7 mar. 1908.



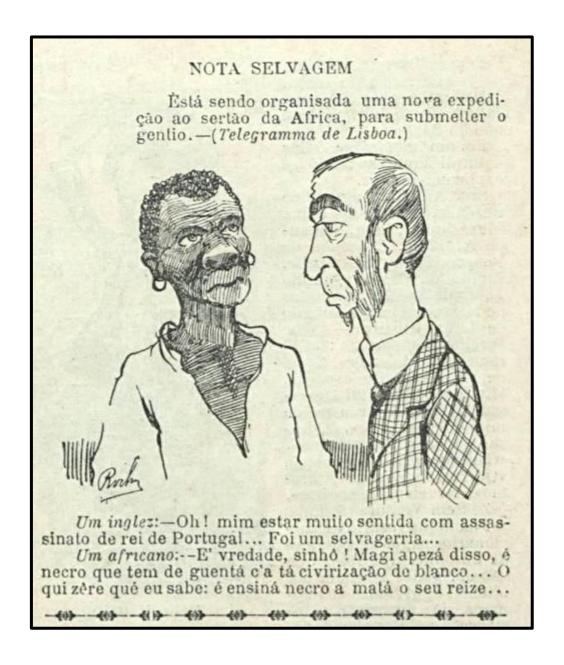




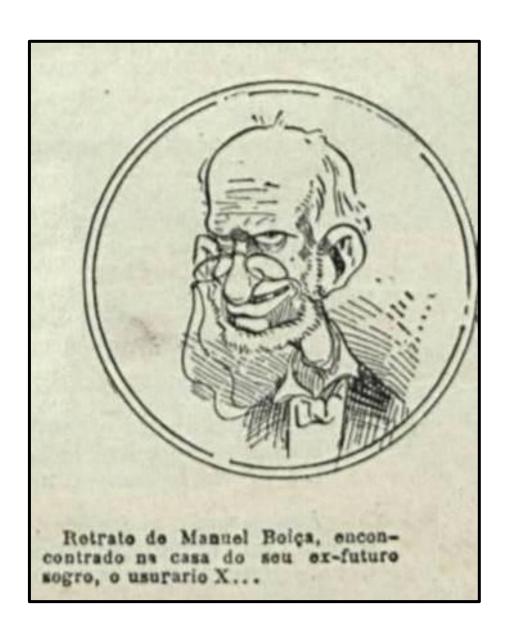
Um trecho do Palacio das Necessidades, residencia dos reis de Portugal, em Lisboa.

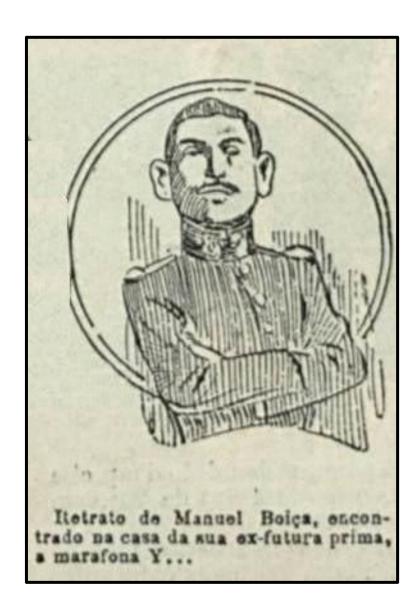
Vè-se a capella em que, estiveram os cadaveres de D. Carlos e seu augusto filho e de onde sahiu o cortejo funebre para o pantheon de S. Vicento de Fóra.

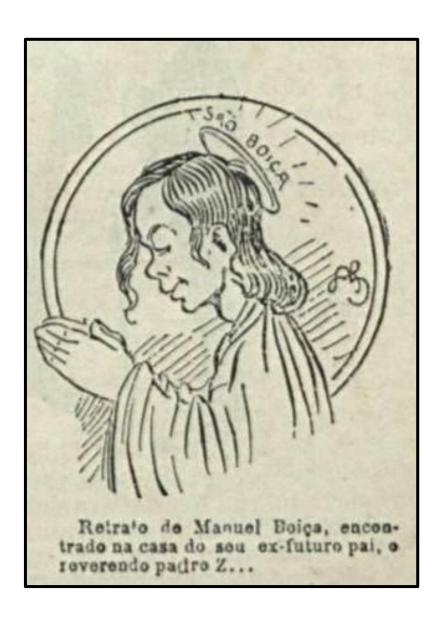


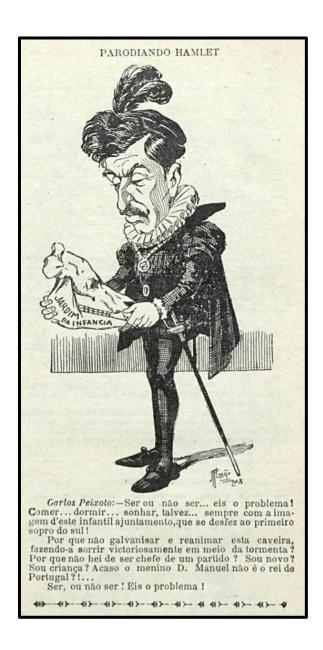














C ASSASSINATO DO REI D. CARLOS E DO PHINCIPE HERDEIRO

Feridos mortalmente D. Carlos e D. Luiz Felippe, a rainha D. Amelia ergue-se no carro, heroica, solemne e desesperada, offerecendo alvo ás balas assassinas para proleger o unico filho que lhe resta, o principe D. Manuel. (Este bello quadro do joven e já celebre desenhista portuguez Alberto Souza produziu funda impressão na Europa, onde foi largamente divulgado.)



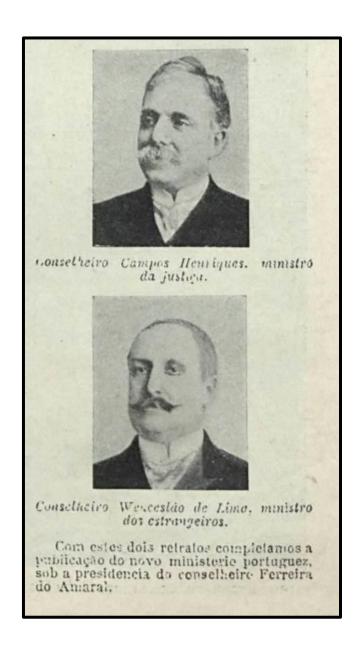


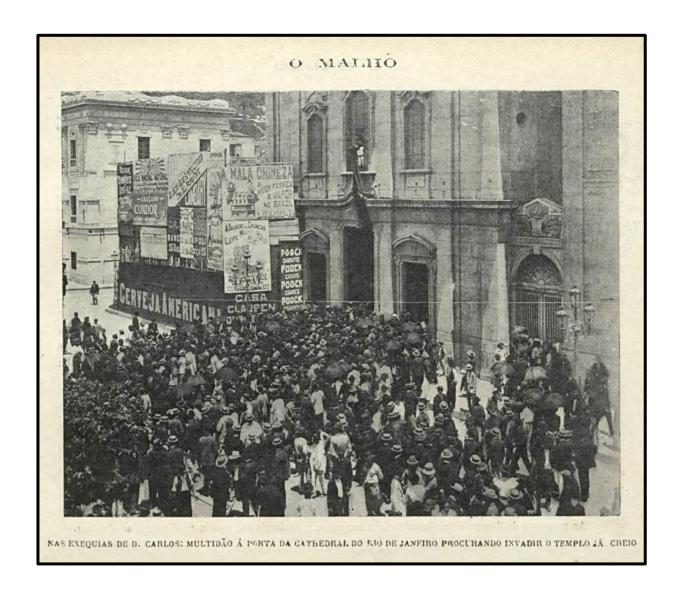
# A TRAGEDIA DE LISBOA O desembarque da rainha D. Amelia e D. Carlos, no caes do Terreiro do Paço, poucos minutos antes do assassinato.

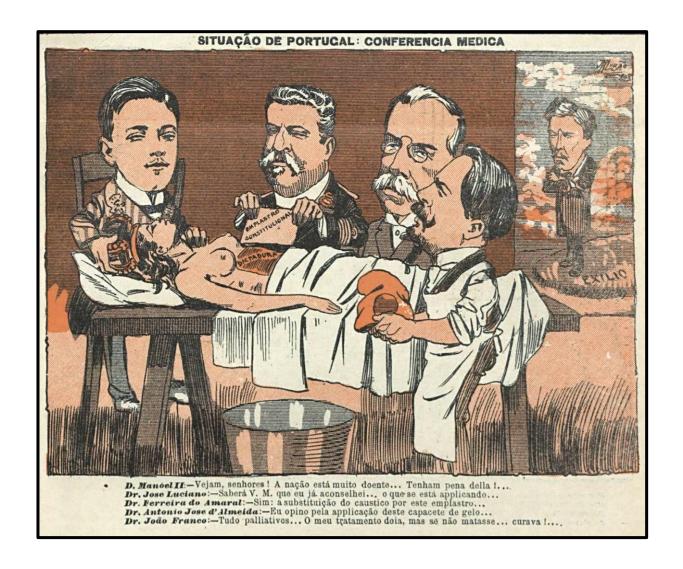




102







Os derradeiros momentos públicos das vítimas do regicídio foram apresentados na fotorreportagem "Os últimos dias do rei de Portugal e do príncipe herdeiro", mostrando a visita de ambos ao quartel de artilharia, aparecendo também registros do futuro rei acompanhado de políticos e o ângulo do logradouro público de onde partiram os tiros contra a carruagem real. A "tragédia de Lisboa" voltava a ser retratada com a reprodução de ilustração realizada a partir das notas e dos croquis de um jornalista britânico. Também foram publicadas fotografias do préstito fúnebre dos assassinados, sendo ainda destacadas as exéquias promovidas no Rio de Janeiro, como homenagem fúnebre às duas vítimas. A reprodução de um cartão postal que enaltecia o papel dos "regicidas linchados" foi outro registro que se fez presente nas páginas de O Malho. Uma caricatura intitulada "Influência do meio" mostrava dois anciãos conversando sobre o futuro de uma criança e os cuidados necessários com a sua educação, concluindo que não seria tarefa fácil, tendo em vista que ela viera "ao mundo entre regicidas e fraudulentos", em alusão ao crime português e à corrupção brasileira<sup>27</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 mar. 1908.

## O MALHO

OS ULTIMOS DIAS DO REI DE PORTUGAL E DO PRINCIPE HERDEIRO



D. Carlos.

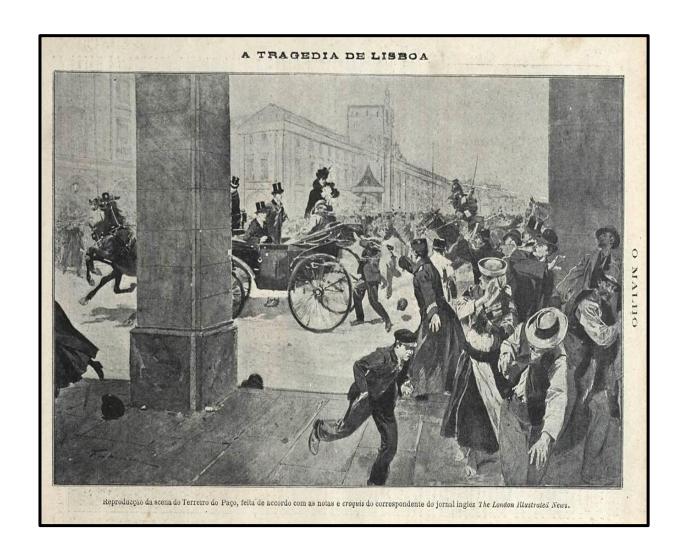
Principe herdeiro

Visita do rei D. Carlos e do principe Luiz Felippe a um quartel de arthilharia, poucos dias antes do altentado.





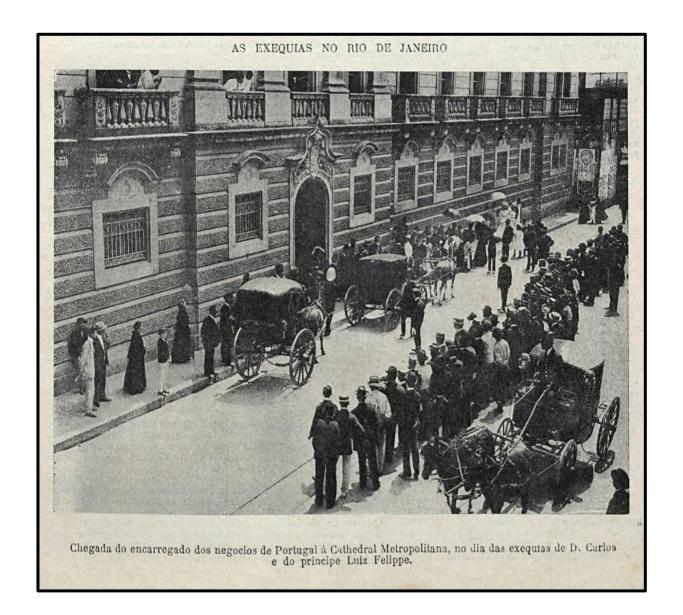
109



# O MALHO OS FUNERAES DE D. CARLOS E DO PRINCIPE LUIZ FELIPPE A sahida dos feretros da capella do palacio das Necessidades para os coches funebres











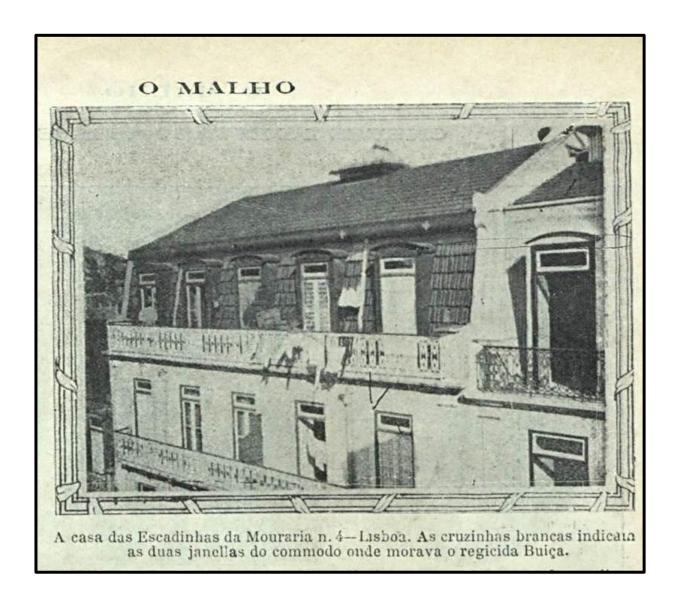
O crime político ainda voltaria à pauta da revista ilustrada e humorística do Rio de Janeiro, destinando seu interesse aos regicidas, como ao mostrar a pistola, a carabina, as balas e a vestimenta utilizada por um dos assassinos, assim como a fotografia do local onde ele morava e da sepultura dos criminosos. A carruagem alvejada durante o atentado e um dos funcionários que serviam à casa real e que fora ferido também compunham a matéria embasada no fotojornalismo. Ainda por ocasião do regicídio praticado em Lisboa, o periódico registrava o retrato de vários "chefes de Estado assassinados", com a presença de três presidentes norte-americanos, um xá persa, um czar russo, um rei e uma rainha sérvios, um rei italiano, uma imperatriz austríaca e um presidente francês<sup>28</sup>. Um registro fotográfico realizado em 1905 era estampado e apresentado como "Grupo em que se vê toda a Família Real portuguesa", aparecendo discriminados os nomes de todos os integrantes presentes na ocasião. Um das últimas presenças do tema do regicídio foi a fotografia das "exéquias pelo rei e príncipe de Portugal", evento realizado na localidade de Entre Rios e que, em alguns detalhes lembrava a ilustração publicada por O Malho na capa de sua primeira edição que tratou do crime perpetrado em Portugal no ano de 1908<sup>29</sup>.

۰ -

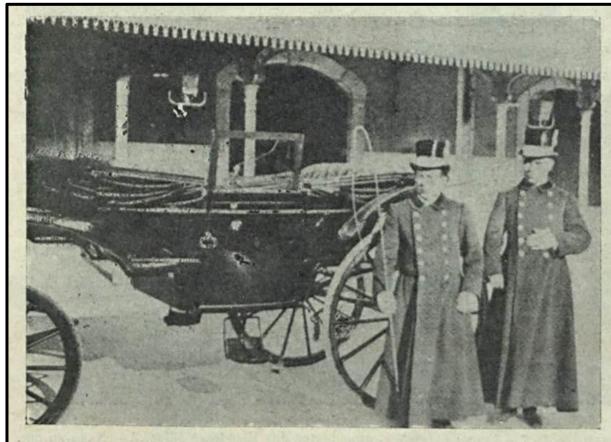
<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 mar. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 28 mar. 1908.









A carruagem real onde foram assassinados o rei D. Carlos e o principe Luiz Felippe. Vèem-se na portinhola os signaes das balas. Ao lado o cocheiro Bento Caparica, que guiava a carruagem no dia do attentado.





## GRUPO EM QUE SE VÊ TODA A FAMILIA REAL PORTUGUEZA -- TIRADO NO PAÇO DE CINTRA, DEPOIS DO ALMOÇO OFFERECIDO A RAINHA DE INGLATERRA PELA RAINHA SRA. DI MARIA PIA, EM 24 DE MARÇO DE 1905

Da esquerda para a direita, ir plano: S. M. El-Rei D. Carlos, Sr. Infante D. Affonso, S. M. a Rainha D. Maria Pia, S. M. a Rainha Alexandra, S. M. a Rainha D. Maria Amelia, comdessa d'Auttim, miss Knollys, lad y Bunsen. Principe R eal D. Luiz Felippe. 2° plano: Srs. conde de Friqueiro. corposito.

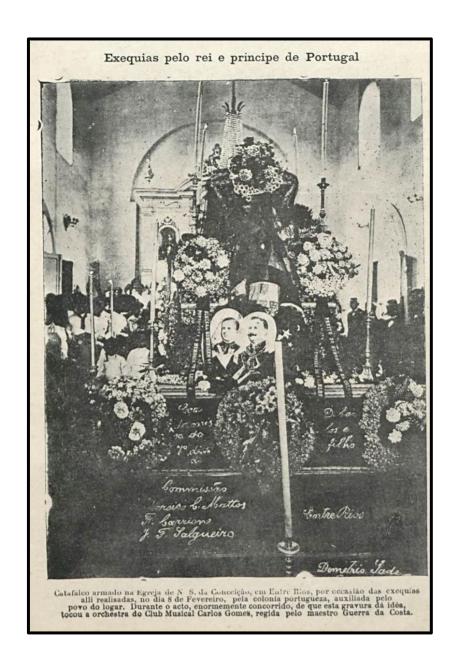
Principe Real
D. Luiz Felippe.
2º plano: Srs.
conde de Figueiró, coronel
Benjamin Pintino, D. Fernando
de Serpa, Sr.
Infante D. Manuel, Principe
Carlos da Dinamarca, condessa de Figueiró, ma rquez de Soveral, conde de
Sabugosa.marqueza de Unhao
M me Peijó,
conselheiro Pereira de Miranda. 3º plano:
Srs. J. de Mello,
tenente-coronel
Albu q u erque,
Mme. O' Relly,
condessa de Seisa l, marqueza
de Bellas, Mr.
Peel. Sir MauriceBunsen, ministro da Inglaterra e conseheiro Eduar-

nistro da Inglaterra e conselheiro Eduardo Villaça.

4º plano: Srs. coronel Legge, coronel Duval Telles, Mr. O' Reilly.conde de



Reilly,conde de Tarouca, Stonor, 5- piano : Srs. major Garcia Guerreiro, conde de Arnoso, tenente Mourcieff, visconde de Asseca, Mausen, Antonio Feijó, ministro em Stckolmo ; conde da Tarouca, Stonor, 5- piano : Srs. capitao Crysogono Pinto, Howard,conselheiro Pedro Victor, alferes Torquato Costa, alferes Sá Mello, tenente Rigys, conselheiro Gomes de Araujo, daque de Loulé e Ivens Ferraz.



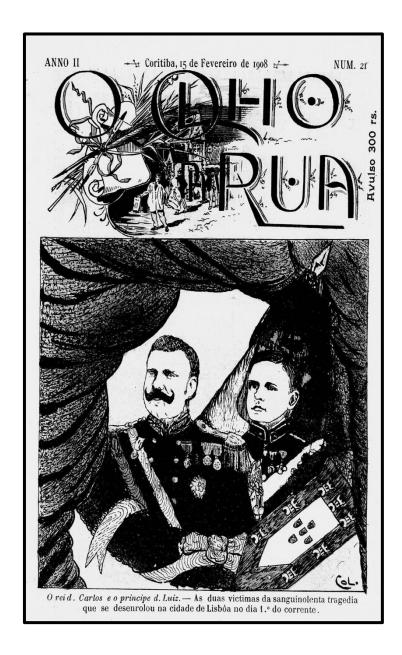
Em Curitiba, capital do Paraná, circulou entre 1907 e 1911, com interrupções, *O Olho da Rua*, que pretendia não se definir "com rutilâncias de lantejoulas e malacachetas, fazendo solenes promessas", dizendo não ficar sujeito "a voto algum, à rota alguma que norteie" os seus atos. Desse modo, afirmava que queria "voar livre de peias, em busca de simples ilusões, mas que sejam ao menos suaves como uma alfombra", entre as quais tivesse condições de "adormecer sonhando os sonhos de futuro". Argumentava que "a novíssima literatura de jornal não deve ficar emparedada nos limites de uma escola", assim como "o estilo do moderno escritor há de ser vivo e flamante". De acordo com tal perspectiva, pretendia estabelecer uma ação, "coalizando elementos que em seu conjunto realizam" um "tipo forte de cronista jovial, de esteta implacável e de caricaturista *à la diable*, ao mesmo tempo mundano e divino", para dessa maneira poder "com segurança iniciar sua carreira, certíssimo de firmar uma época cintilante na história de nossa literatura"<sup>30</sup>.

O Olho da Rua, a respeito do regicídio trouxe em sua capa os retratos dos dois alvos daquele assassinato político, apontando-os como "as duas vítimas da sanguinolenta tragédia que se desenrolou na cidade de Lisboa". A abordagem da publicação curitibana trouxe um enfoque diferenciado em relação às demais, considerando que "a tragédia que fez desaparecer do cenário da vida o rei D. Carlos e D. Luís de Portugal" surgia como uma "consequência fatal" para os "predomínios absolutos". Na opinião da folha, "não é impunimente que se abafa e se esmaga os povos", considerando que D. Carlos, apesar de certas qualidades,

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> O OLHO DA RUA. Curitiba, a. 1, n. 1, 13 abr. 1907.

como no campo intelectual, "como rei, por si só ou pelos da sua escolha, por aqueles de quem se rodeava, não era merecedor de aplausos". Nesse sentido, afirmava que não haveria como "negar que de tempos a esta parte inaugurou-se na terra lusitana um período de violências e agitações provocado pela política do conselheiro João Franco, que era prestigiado pelo trono". Era apontado que, em tal ambiente "a imprensa premida e arrolhada estertorava", além do que "os cidadãos estavam sujeitos aos maiores vexames", pois " bastava um sinal do chefe de gabinete para um lar ficar vazio e uma prisão transbordante". Conjeturava ainda que aquele seria um "período que clamava um fim", perante o qual, "as tentativas nasceram, surgiram", mas "a ditadura continuou", de modo que, ao fim, ocorrera aquela "explosão medonha do oprimido contra o opressor", resultando "duas vítimas mais dessa ilusão denominada onipotência" a seria de seria de seria um "período que clamava".

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> O OLHO DA RUA. Curitiba, 15 fev. 1908.



Publicada no Rio de Janeiro, como "revista mensal de letras, ciências e artes", Renascença foi editada entre 1904 e 1908, visando a constituir um periódico que trouxe "a publicação e vulgarização de ideias em todos os centros civilizados". Dizia manter o "seu esforço em prol do desenvolvimento das artes gráficas no Brasil", deixando à disposição dos leitores "a arte e as letras", além de constituir uma "demonstração prática do nosso progresso e desenvolvimento artístico". Considerava que o país naquela virada de século "assinala uma tendência de franco renascimento estético", sendo "sintoma animador o aplauso geral às várias obras de transformação de nossa principal cidade e o auxílio" recebido por aquele tipo de edição. Anunciava assim que surgia "como órgão desse movimento regenerador, oferecendo ao mesmo tempo à literatura pátria ensejo e oportunidade de tornar conhecidas as produções do variado engenho de seus beneméritos servidores"32.

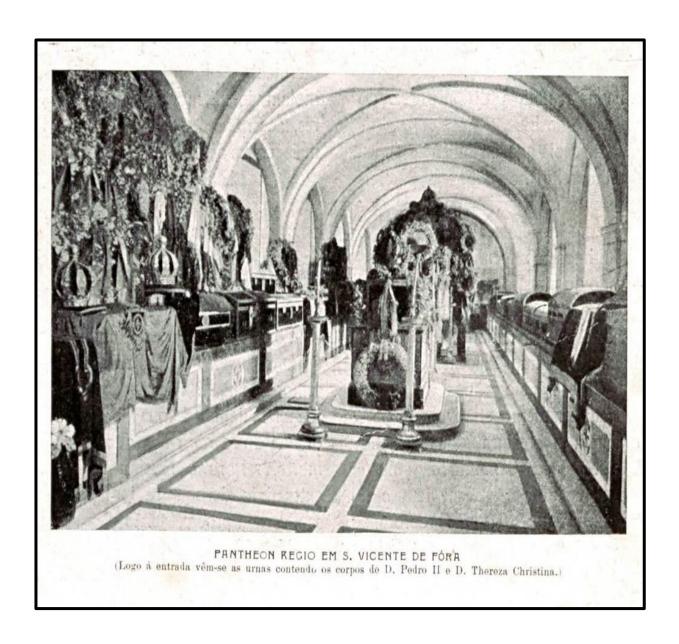
Renascença trouxe a matéria "O atentado de Lisboa", na qual constatava que "o mês de fevereiro se abriu sob o assombro que nos ânimos de todos causou a notícia do atentado do Terreiro do Paço, em Lisboa". De acordo com a folha "toda a gente sabia que a situação política interna do velho reino bragantino era melindrosa e exigia os mais sérios cuidados por parte do governo do Estado", bem como seria sabido "que os últimos acontecimentos políticos haviam alienado do monarca, liberal e ilustre, as simpatias populares, mas toda a gente estava longe de esperar a brutalidade daquele desfecho, injusto e contraproducente". A publicação se referia aos "fatos demonstrativos da perfeita

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> RENASCENÇA. Rio de Janeiro, mar. 1904.

irracionalidade da criatura humana quando a domina e subjuga o demônio da paixão política", explicitando que o regicídio luso constituíra uma ação "estúpida, desnecessária e inconsequente". Ressaltava também "a enorme repercussão que os funestos acontecimentos tiveram" entre os brasileiros, em um quadro pelo qual "o Rio de Janeiro viveu dias de verdadeiro luto nacional", de modo que "a funda amizade que liga os dois povos" ficara comprovada a partir da "eloquência do sentimento brasileiro em face da tragédia de Lisboa". O periódico publicava ainda matéria sobre a ação intelectual do soberano assassinado, citando seus estudos, instituições científicas a que pertencia e homenagens recebidas. Em termos iconográficos, apresentou o panteão fúnebre voltado aos assassinados, os retratos de vários membros da Família Real e uma pintura da lavra de D. Carlos<sup>33</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> RENASCENÇA. Rio de Janeiro, fev. 1908.

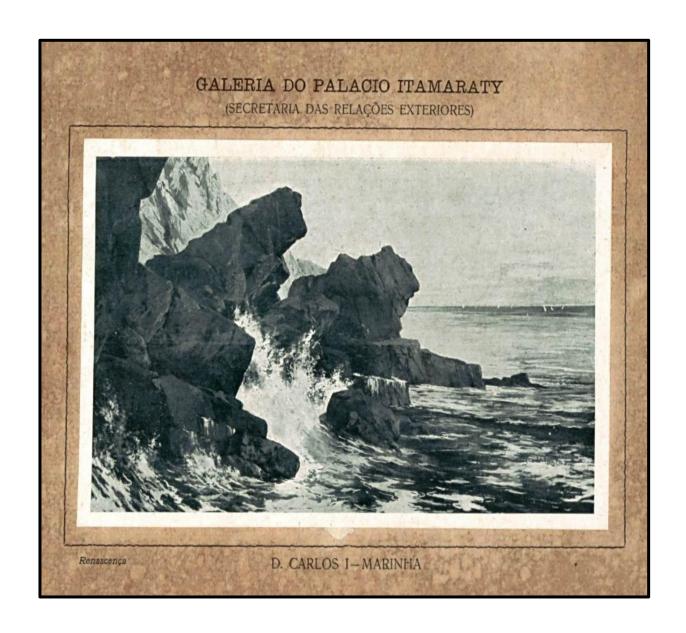












Uma das mais relevantes publicações de seu gênero foi a Revista da Semana, que surgiu no Rio de Janeiro em maio de 1908, passando a constituir "suplemento ilustrado do Jornal do Brasil". Enquanto várias revistas tiveram vida pouco perene, ela permaneceu como uma das mais importantes publicações brasileiras até 1959. Ao desvincular-se do Jornal do Brasil, dedicouse às atualidades sociais, políticas e policiais, tornando-se leve, alegre, elegante, com as ilustrações de alguns dos principais artistas de então. Com sua afirmação, viria a tornar-se mais elegante e feminina, já com outra feição, superando alguns dos periódicos seus contemporâneos e disputando com outros as preferências do público da época<sup>34</sup>. Tinha por maiores objetivos as fotografias, as vistas instantâneas, os desenhos e as caricaturas e chegou a trazer em seu cabeçalho a distinção de ter sido premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim. Pretendia alcançar o "nível dos maiores semanários do mundo", levando em frente aquilo que denominava como "um crescente anseio de perfeição", ao buscar empregar os "maiores esforços para dotar o Brasil com uma publicação digna da sua grandeza e dos seus foros de cultura"35.

Essa tradicional magazine carioca trouxe várias referências ao regicídio luso, tendo por base uma de suas marcas registradas vinculadas à fotorreportagem. A redação do periódico afirmava ter por dever ocupar-se "de tudo quanto possa dizer respeito ao brutal assassinato" ocorrido em Portugal, de maneira que ilustraria "as suas páginas de honra" com retratos dos personagens

<sup>34</sup> SODRÉ, 2007. p. 274, 297, 301 e 326.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 31 dez. 1921.

em pauta, como o "das vítimas do crime duplamente covarde que vem de envolver todo o mundo civilizado na mesma imensa dor e no mesmo pesado luto que caiu brutalmente sobre Portugal". Pretendia assim dar "aos seus leitores a reprodução fielmente fotografada dos sítios por onde pela última vez" passara o monarca lusitano "para a morte cruel que o esperava, traiçoeira, miseravelmente embuçada" e apresentando "com nitidez fotográfica o local do hediondo regicídio". Dedicava ainda "a mais sincera e sentida homenagem do seu protesto e da sua mágoa pela crueldade sem nome praticada contra um rei", bem como prestava "a homenagem da sua veneração e do seu respeito" às rainhas portuguesas. Além de retratos de integrantes da Família Real e personalidades políticas lusas, a revista trazia registros de lugares da vida cotidiana do soberano assassinado, bem como algumas de suas ações como governante, uma alegoria alusiva ao regicídio e algumas das atividades fúnebres em homenagem aos falecidos<sup>36</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 9 fev. 1908.







112 - N. 404

#### REVISTA DA SEMANA

9 DE FEVEREIRO DE 1903



Vista geral de Villa Viçosa de onde regressava a familia real

frontão o Amor da Patria e a Ligação, do Commercio, da Indus- reira Forjaz. tria e da Abundancia.

reira Junior.

é egualmente um precioso relicario de manifestações artisticas dos melhores mestres da pintura e da esculptura.

Essa sala, que é em estylo Renascença, guarda, além de uma soberba téla de Miguel Lupi com o retrato de Marquez de Pombal no acto de approvar o projecto de Manuel Mala para a reedificacão de Lisboa, duas lindas estatuas da Historia e da Lei e muitos outros trabalhos de artistas de reconhecido merito, como Pierre Bordez, Cotrim e Pizzi.

Está, porém, no archivo do Palacio toda a riqueza da Camara Municipal.

Afora objectos antiquissimos, de épocas historicas e remotas e de uma preciosissima collecção de documentos, o mais antigo dos quaes data de 1179 da era de Cezar, ou seja de 1217 da era christa, ha alli cuidadosamente encerrados mais de dous mil volumes encadernados.

#### VILLA VIÇOSA

Ao Palacio de Villa Viçosa está ligado o horrivel attentado de sabbado ultimo, que não póde ser recordado sem a triste branca de que foi dalli que El-Rei D. Carlos I e o Principe Real D. Luiz sahiram para Lisboa n'aquella tarde rubre de ha oito dias.

ingubre de ha oito dias.

Obra de Nun'Alvares Pereira, que entrando n'aquelle senhorio, como terceiro porta da privada em estylo manuelino tario, construiu alli o seu palacio e a Egreja da Conceição, o Palacio de Villa nós D. Jayme fez construir e a tapada, Viçosa guarda ainda hoje a sua feição de velho castello com duas torres e minaretes ou atalaias de onde se descortina

decorada por Columbano e Pe- o grande terreiro, edificio que conti- lectual e acurado sentimento artistico, nnado pelos seus successores foi con- caja morte tragica é desde sabbado uni-A sala das sessões da Camara cluido no reinado de D. João V, ainda versalmente lamentada, do Paço das



O quartel de marinheiros

ceiro corinthio e o quarto camposito, pendencias. mas todo elle em sumptuoso marmore

marchetado e despido dos velludos, dos guadamecins e da preciosa armaria que serviu na jornada de alcacerkibir ha ainda a admirar no Palacio de Villa Viçosa a Sala dos Tudescos que é uma rica galeria de retratos dos duques e principes de Bragança, cuidadas telas do famoso pintor francez Guillard.

O Capella Real, construida em 1735 com a categoria do Insigne e Real Col-

que sob a legenda de - depois de vos, vasta propriedade com 15 kilometros da circumferencia, grandes montados de sobro, lagos primitivos, magnifica casa de campo e abundante caça.

### O quarto da cama

Paço das Necessidades, que é a habitação dos Reis de Portugal. que era habitação de D. Carlos I é o antigo edificio da Congregação do Oratorio, situado na collina sobre o valle d'Alcantara, uma das mais pittorescas

berdade, de que são accessorias e foi alli sob aquellas torres que lhe dades é um documento do fino espirito as figuras da Sciencia, da Nave- mataram um dos irmãos — Fernão Pe- de colleccionador que foi o Rei artista. L Desse Paço, que durante dezesete Mais tarde, em 1501, D. Jayme come annos abrigou entre objectos de arte A escadaria, que é monumental, çou a construir outro edificio sobre, esse outro Rei de elevado cultivo intel-

elevações da cidade, dominando o Tejo quiz que fossem confundidos ignoe toda a linha que o margeia. E como foi a habitação lisboeta de Foi alli dentro que Nun'Alvares viveu D. Fernando, o Paço das Necessi-

que D. José e D. Maria o tivessem am- Necessidades, que guardou na austeripliade e modificado em parte.

Consta o palacio de quatro paviqueridos de D. Carlos e D. Luiz Phimentos em difierentes estylos — o pri- lippe, reproduz hoje a Revista da Semeiro dorico, o segundo jonico, o ter- mana as photogravuras de algumas de-

OS APOSENTOS DE D. CARLOS que não fora um banal decorador que por alli andara a dispôr os sebjectos. Percebia-se logo ao mais simples exame que tinham passado por toda aquella intelligente disposição as mãos de alguem que conhecia e amava todas aquellas cousase que era capaz de comprehender os effeitos a tirar de tudo, desde o maissimples bibelot á mais requintada maravilha de arte. Sua Magestade não rantemente épocas, estylos e tons, encarregando-se elle mesmo por suas rémara com o carinho de quem amaya como elle as delicadezas da arte e as fazia entrar como elemento na nobre intimidade do seu viver.

A' direita, ao centro de uma panoplia formada de armas de todas as épocas e procedencias, maças, punhaes e adagas, destaca-se uma téla do morgado de Setubal, que é um curioso quadro de costumes representando duas crianças. que jogam a bisca a troce de castanhas

Por baixo dessa téla ha uma rica majolica de Urbino e, sobre a papeleira portugueza do seculo XVIII, guarnecida de bronzes cinzelados, magnificas talhas do Japão. Adiante cobrindo o rendilhado leito D. João V com badalquino de seda carmesim, desdobra-se o mais rico biombo antigo de lacca oriental que possa deliciar um amador de curiosidades artisticas. Os baixos relevos desse biombo .em tons quentes de ouro velho, são tratados com a originalidade inimitavel e o inconfundivel cunho artístico que os japonezes imprimem aos seus melheres trabalhos.

A' cabeceira do leito, sobre um pequeno contador portuguez, erguem-se duas imagens de Christo crucificado uma em bronze gothico, outra em ouro cinzelado á delicada maneira da Renas-A quem entrasse no quarto de cama cença — que dão a esse recanto tran-



A Capella e o Paço das Necessidades onde foram recolhidos os corpos de El-Rei e do Principe Herdeiro











118 - N. 404

#### REVISTA DA SEMANA

9 DE FEVEREIRO DE 1908

de arte admiravam nos seus quadros a segurança do traço e a largueza da composição, realçada ainda pela facilidade e rapidez verdadeiramente notaveis da execução, procurava, naturalmente, o estudo, o esboco, a tela em trabalho. aquillo emfim que em um atelier de artista mais prende a attenção do visitante - e logo se lhe deparava sobre o cavallete o ultimo trabalho de Don Carlos:

Das paredes desse recanto de arte pendem colchas portuguezas, tão delicadamente bordadas a ouro que parecein feitas por mãos de fadas e, entre mil objectos ricos ou indicativos da arte de uma época remota, salta aos olhos um soberbo tryptico de Bosch representando a tentação de Santo Antonio, obra prima



Sua Magestade El-Re D. Carlos I has manobras militares do Bussaco. Em terceiro logar a contar da esquerda vé-se fambem no mesmo grupo Sua Alteza Real o Principe D. Luiz



Durante a missa campal no Bussaco. A' frente está Sua Magestade El-Rei D. Carlos I e, atraz delle no primeiro plano, Sua Alteza o Principe Real D. Luiz

nhando cada um para o seu jornal, com a alma suspensa diante de uma nova tão lugubre, sentindo o espirito oscillar entre a duvida e a dolorosa surpreza. Chegámos ao "Jornal do Brasil", não foi preciso recorrer & leitura do telegramma official, lia-se no aspecto da casa, no semblante de todos os companheiros o choque tremendo, o abalo profundo que a noticia causara.

E emquanto os commentarios surgiam, chelos de magoa e pungencia, esperava-se que o telegrapho trouxesse pormenores e, quem sabe ? uma esperança... um desmentido aquella brutal verdade. Depois da tarefa da redacção, sahimos, já madrugada e notavamos um movimento des-

de pintura que bem define o genio que a concebeu

Como nos é totalmente impossivel resringir ao pequeno espaço desta Revista todas as maravilhas que se notam no sumptuoso Paço das Necessidades, cujas alas são verdadeiros museus, em que a pintura, a esculptura, a ceramica, emfim todas as manifestações do talento humano applicado ás artes decorativas nos mais variados e curiosos aspectos e a cuja disposição presidiu sempre a elevada intuição artistica de D. Carlos, limitamos á descripção dessas peças, que foram precisamente aquellas em que mais suavemente correu a existencia ințima do chorado Rei, a impressão que protendemos dar aos leitores da Revista da Semana da sumptuosidade do Paço das Necessidades para onde foram levados os cadaveres d'El-Rei e do Principe



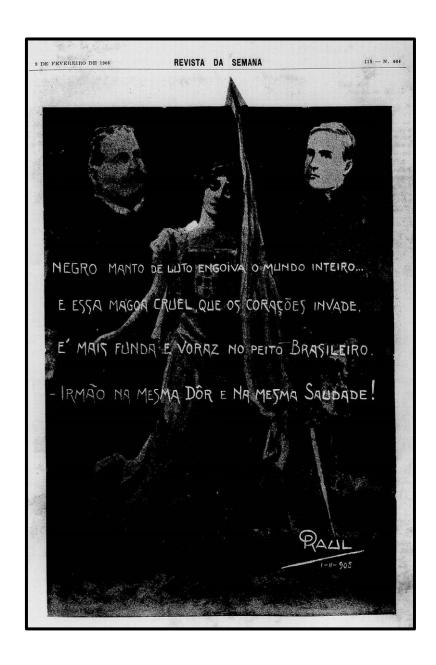


Sua Magestade El-Rei D. Carlos I na revista militar do hippodromo de Belém, acompanhado do Ministro da Guerra, Conselheiro Vasconcellos Porto e seu estado-maior

Avenida quasi deserta, quasi si- de imprensa diaria, aos boatos usado pelas ruas centraes. A no-

lenciosa. Presos pela amenidade malevolos, principalmente os en- ticia corrêra com a rapidez do da palestra,não contavamos o gendrados pela famigerada na- raio, a consternação pairava no tempo que la se escoando; subito cão vizinha. O recemvindo affir- ambiente morno da cidade, um alguem se approximou, communi- mou, e o grupo, que durante duas silencio acabrunhante dominava

Na quiețidăo da noite alta, pacando a triste nova. Duvidamos houve entreide, dissolteloquencia da dos os pontos, parecia que a
lestravamos quatro rapazes na todos, acostumados, nesta vida veu-se como por encanto, camicoloquencia da dor se manifestavamos





Em outra edição, a *Revista da Semana* informava que o número anterior, contendo a cobertura do regicídio ficara completamente esgotado, já nos primeiros momentos de sua distribuição, denotando o grande interesse pelo tema em pauta em meio aos leitores brasileiros. Foram apresentados vários registros da vida pública de D. Carlos, em atividades realizadas em diferentes localidades lusitanas<sup>37</sup>. Outros detalhes das vivências governativas e particulares do soberano falecido continuaram a ser registrados pela publicação carioca, que também trouxe fotografias das exéquias realizadas no Rio de Janeiro em homenagem a tal rei<sup>38</sup>. As solenidades fúnebres compuseram a cobertura de mais uma edição, que trazia também imagens dos regicidas<sup>39</sup>. O novo monarca português foi destaque na capa da *Revista da Semana*, assim como cena com homens públicos lusos, aparecendo também diversas inserções fotográficas reproduzindo as cerimônias fúnebres organizadas no Brasil em alusão às vítimas do regicídio<sup>40</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 16 fev. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 23 fev. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 1º mar. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 15 mar. 1908.





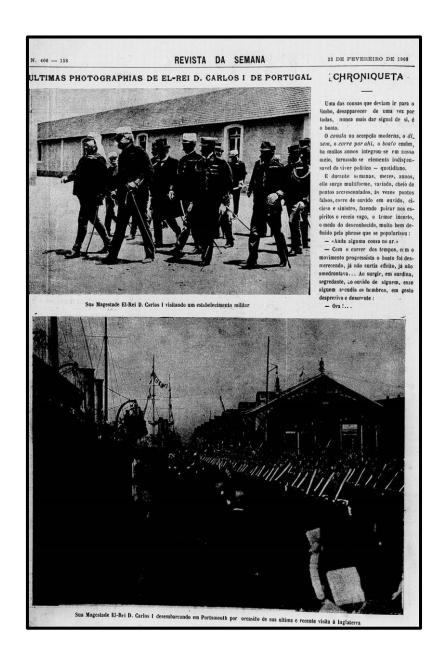












22 DE FEVEREIRO DE 1908

REVISTA DA SEMANA

159 - N. 406



Sua Magestade El-Rei D. Carlos I no seu uniforme de general do exercito portuguez, sahindo de um hospital militar

E o bosto seguia para outro ouvido, 86 ha um bosto em que ninguem ou missão tristissima de espalha-acrecita positivamente, é o que nacce verde que o esculptor clario assitos, marmurando já fraco, sentin-na visinhança platina... do-se gasto pelo exercicio activo de

regalamente que o bosto batera a notat, espichira a canella e caregára a
trouta para as profundas... ell-o que
surge normanels...

A mla de Santar era magnifiCrod, em marmore branco.

O'de Saxes
e un friso em bronne verde. Os
gosto da velha Hespanha; só
gosto da velha Hespanha; só surge novamente...

E' que estava a refazer as forças, o malsinado intrigante, e agora, retemperado, surgiu brusco e feroz, espalhando tentativas disto, ameacas daquillo, conspirações e quejandas prebendas que tão bem sabe forgicar á bocca pequena.

Com esse reapparecimento houve promptidões, cautelas, caldosi de 'gallinha preventivos, vigilancias, movimento surdo de pesquizas e mais providencias garantidoras de pessoas, cousas e ins tituicões.

E ha razão para essas medidas, por que o boato com a sua obra, chega quasi sempre a praticar suggestões fortes, tornando reaes factos que muitas vezes ninguem sonha...

E a semana encheu-se de bostos. Ninguem se animava a fallar alto, pois ha sempre o receio de que o mal cres\_ ça, se alastre, se realize com o vibrar mais forte do diapasão...

Apesar disso, tudo correu muito bem, muito obrigado, a terra gira soffrivelmente nos seus eixos e os boatos vão sendo desprezados por muitos, acreditados por poucos.

do-se gasto pelo erercirio activo de longos annes.

Depois deu treguas, sumiu-se por algum tempo, e quando todos calcularam regaladamente que o boato batera a borres de la composição de la comp

podia supportar a porcellana branca-branco de Radra de Carlos de C

em orao so pescoyo era de um effeito estrato de preto, Os criados en meia de seda; para que o serviço não produzisse o menor ruido, os sapatos eram forrados de solas de flamella. A minha primetra amante...—começou Boisroger.
— Pois tiveste uma primetra amante...—therompeu Franchemont. — Que homeas feligidad de la companio del companio de la companio de la companio del companio de la companio del companio de la companio de la companio del companio de la companio del compan

- O amor ?
- Hein ?
- Oh!
- Ah!
- Eh!
- Diabo!

Houve uma modulação de ex-

Houve uma modulação de ex-clamações.

— O amor ?... A' sua saude!
— exclamou a Créoç erguendo-se
em uma explosão de riso,
Quando de novo se assentaram, disse Grancey á Boisroger:
—O amor ? Que entendes tu por
isso ?



Sua Magestade El-Rei D. Carlos I presidindo a um jury de esgrima













Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno VIII - N. 408

DOMINGO, 8 DE MARÇO

Numero : 300 réis

#### CHRONIQUETA

Hinda tenho os olhos offuscados pelo encanto fádico dos imponentes prestitos carnavalescos de terçafeira ultima!

Todas as tres veteranas sociedades carnavalescas esmeraram-se este anno, prendendo soberbamente a attenção do povo em massa, pelos esplendidos effeitos de seus sumptuosos carros de fantasia.

E agora, que temos avenidas e ruas amplas, esse effeito mais se realça, porque póde ser visto em conjuncto, á distancia, em um golpe de vista surprehendente.

Uma cousa porém ha a notar em todos os prestitos, os carros denominados de crítica, são actualmente razos e pouco culdados; as sociedades dão preferencia osa carros de fantasia c de effecio alliando a symphonia das côres e das luzes é entontecedora vida das menimações. Assim prendem muito a attenção do publico, que applande frenetico todas esass molles decorativas que rodopiam nos ares.

Seria ouro sobre azul, se as sociedades fizessem também os carros de



Os funeraes d'El-Rei D. Carlos I e do Principe Real D. Luiz Philippe

Chegada do coche com o cadaver d'El-Rei á Egreja de S. Vicente de Fóra



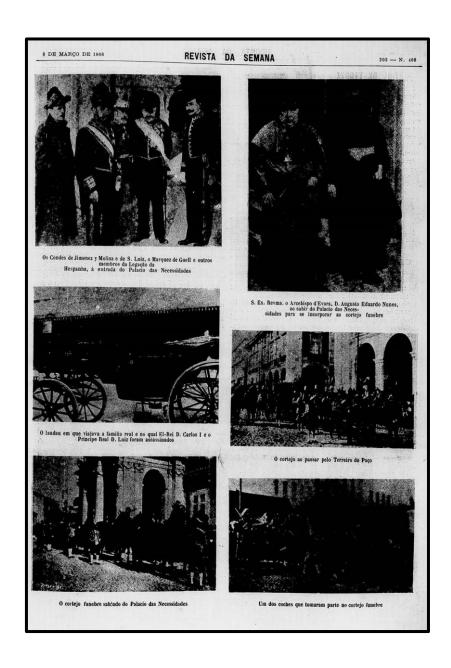
critica com o mes mo caracter fantastico, unindo o enthusiamo ao humorismo, como, por exemplo, a nota contea da esquadra americana. Todas ellas explorara no assumpto com graça, mas força é convir que os Tenentes tireram a primazia neste pusto, quando representaramo caso por uma fortaleza-pagode crivada de lipsonezes e cambesa, tendo como guarda de hocara espírititosissimo avalgado vestida originalmente de corraçados americanos.

O humorismo dos casos da actualidade, commentados em carros de critica onde a fantasiase manifeşte bizarramente, muito concorrerá para maior exto dessas passeiatas que attrahem ao coração da cidade toda a população do Rio de Janeiro.

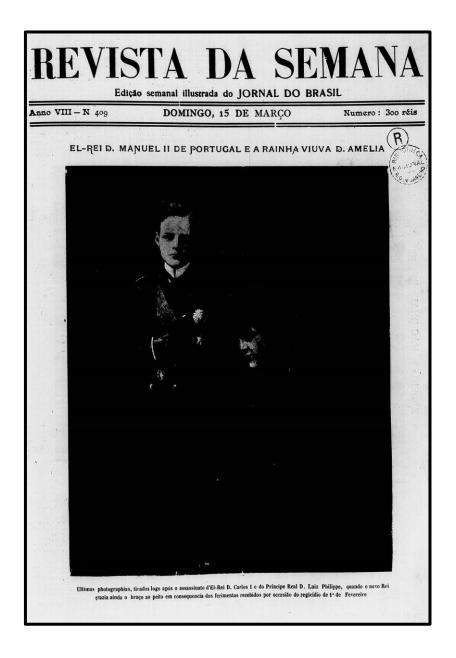
Para isso, basta que a competencia dos organisadores dos prestitos ligue aos. carros de critica attenção egual á que consomem os carros de fantasi.

Estes, na terça-feira ultima, constituiram um verdadeiro encanto, e manda a justica destacar a original e magestosa carreta triumphal dos Democraticos, o imponente carre de honra magistral dos Tenentes e o carro de estandarte dos Fe-



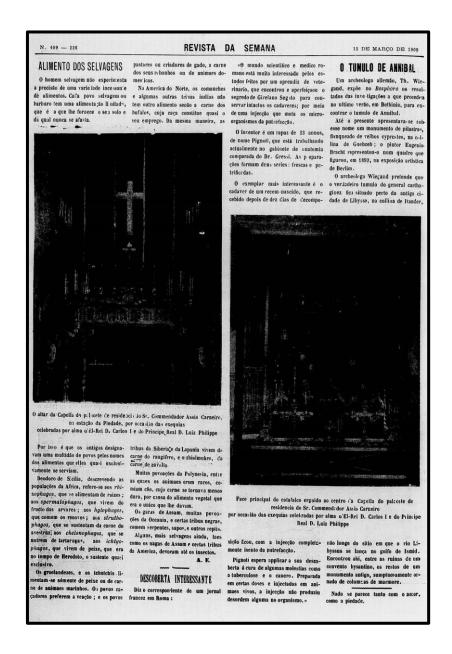












15 DE MARÇO DE 1908

Perfil do catafalco erguido na Capella do palacete d. Sr. Commendador Assis Carneiro por occasião das exequias do Rei e do Princi e Real de Portugal

#### O AMOR

- Então, o amor nasceu das flores ? - Sim, Cupido, nessa éprea ainda não era o Deus desse sentimento que faz vibrar o nosso coração. Vivia dos brincos da infancia, correndo e sallitando, sempre irriquieto.

Um dia chegou aos seus ouvidos a fama de Juno, Vulcano, e Neptuno; soube que cada um desses deuses era uma divindade protectora da corte celeste. Cupido sentiu-se então humilhado; con-iderou que, sendo elle eriança, pouco caso faziam da sua pessoa e tomando do arco e das flechas, partiu em busca do Senhor, no Empyreo e, encontrando-o, fez a sua queixa, pedindo para ser tambem consagrado

O Senhor sorriu-se e respondeu :

- Queres ser Deus, pois bem, farle-ei a vontade, se me apresentares uma cousa que esteja de accordo comtigo, gazil assim, como tu, e que seja bella, constante, incerta e embriagadora; pódes procurar onde te convier, e, quando a encontrares vem á minha presenço, que le farei Deus.

REVISTA DA SEMANA

Já começava a impacientar-se quando, brante ramo de resedá. certa vez, perseguindo uma borboleta, Cupido sentiu-se logo attrahido para a

Cupido dirigiu-se para alli e, embe- gunta que antes fizera ás outras. vecido, deixen fugir a insecte, extasiado ante a telleza da flor; afinal, não primeira lettra de meu nome Acceise conteve e lhe disse :

 Ohl! Divino accreens, procuro ha muito alguma ecusa para proteger, quetres tu ser minha protegida?

 Accello, respondeu radiante Gupido. E guardou o perfume embriagador do resedá, com a belleza da acucens, a res tu ser minha protegida?

meu nome. Serve-te?

Talvez encontres quem te de mais  $\operatorname{ler} A, M, O, R.$ 

dou a belleza da acucena e a sua primeira lettra A.

um malmequer.

a me dar?

tales e a minha primeira lettra. Que- briaguez da felicidade; serás, portanto, res?

- Opero. F ajentou a incerteza das petalas do malmequer à belleza da nçucena e as lettras A. N.

Continuou beijando uma orchidéa, fez-lhe a mesma pergunta.

A orchidéa deu-lhe a constancia em se prender no tronco onde vicejava e a s a primeira lettra.

Cupido juntou-as ás que tinha e procarou mais alguma flor que lhe désse O chapéo de chuva é um artefacto t: mente dirigio se para os j r ins do o resto.

Passeiou alguns cias pelas cele-tiaes na'a mais encontrava, sentiu um per- quando chove.

alamedas, porem, não eccontrava (nada fume capitoso que o entonteceu; proque se parecesse com o que desejava. curou de onde partia e viu um deslum-

esta foi Tourar sobre rma açuccua. delicada flor e fez-lhe a mesma per-

- Dou-te o perfume que enebria e a tas ?

- Não posso; porém, cou-te o mi- incerteza das petalas co malmequer e pha formosura e a primeira lettra do a constancia da orchidéa e passanco em revista as lettras que tinha verificou

Formavam ellas uma palavra que - Serve, respondeu Cupido; e guar- lhe soava harmoniosamente aos ouvidos: Satisfeito correu para Elle, apresen-

Seguiu adiante e parou em frente a lando-lhe o que conseguira arranjar. - Está bem, disse o Senhor; tens o

-E tu, malmequer, tens alguma cousa que en desejava, o amor possue a belleza da mocidade, a incerteza da duvida, — Dou-le a incerteza das minhas pe- a constancia da sinceridade e a emo deus do anon e reinarás em todos os corações apaixonados, vae, corre os mundos e, por toda a parte, on le vires corações trata de os conquistar.

E ahi está como nasceu o Amor e como Cupido tornou-se o seu deus; é bello, constante, incerto e nos faz loucos quando nos attinge.

#### Hilario Legey.

que tem por objecto complicar um acto, Finalmente, desgostoso já, porque tão simples como o da gente se molhan



O catafalco levantado na nave da Egreja do Santissimo Sacramento por occasião das exequias per alma de Sua Magestade El-Rei D. Carlos I e do

Cupido partiu satisfeito e immedia- Principe Real D. Luiz Philippe. - Junto ao catafalco está o estandarte do Centro Beneficente da Colonia Portugueza

Editada na capital baiana, Salvador, entre 1907 e 1912, a *Revista do Brasil*, que anunciava seu aparecimento "duas vezes em cada mês" e garantia que seria "sempre independente e sem ligações partidárias", assim como "imparcial, científica, artística, comercial, literária, industrial, humorística e ilustrada com caricaturas e fotografias". Considerava que todo aquele lhe acompanhava e que "conhece a Bahia está capacitado para julgar a luta" vivida pela redação, diante dos "esforços inauditos" empregados para a manutenção de sua circulação. Ressaltava também que "a Bahia inteira sabe das dificuldades com que lutam aqueles que se entregam a trabalhos como este", mas, apesar de tais obstáculos, prometia estar "sempre firme ao lado deste povo generoso e nobre", que lhe dispensava "as suas simpatias" e que constituía para si o seu "prêmio mais precioso". Demarcava que contava com a "generosidade deste povo", o qual iria dispensar-lhe "os seus aplausos e as suas simpatias". Buscava adotar melhorias editoriais e gráficas, de modo a fazer "honra à nossa cultura e ao nosso conceito de povo civilizado"<sup>41</sup>.

A Revista do Brasil se referiu à "tragédia de Lisboa", trazendo como registro iconográfico o retrato do rei assassinado. Manifestava-se a redação como "profundamente sentida com os nefastos assassinatos do soberano português D. Carlos e seu augusto filho, o príncipe herdeiro D. Luís Felipe", de modo que assim, não só acompanhava "o pesado luto que cobre a desolada Família Real portuguesa", como também se associava "de coração à mágoa que punge dolorosamente seus irmãos de além-mar". Em relação ao "El-Rei D.

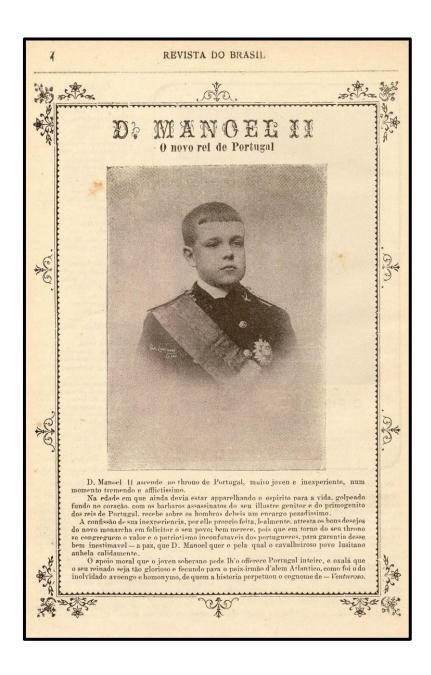
<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 1º jul. 1907.

Manoel II, à sua Real Família e à briosa colônia portuguesa residente neste Estado, a *Revista*" apresentava "protestos de simpatia e de sinceras condolências". O periódico também ilustrava suas páginas com outros retratos. Um deles foi o do "príncipe D. Luís Felipe, herdeiro da Coroa de Portugal, covarde e traiçoeiramente assassinado". Outro o de "D. Manoel II, o novo rei de Portugal, que estaria ascendendo ao trono "muito jovem e inexperiente, num momento tremendo e aflitíssimo", tendo isso ocorrido "na idade em que ainda devia estar aparelhando o espírito para a vida", quando teve "golpeado fundo" o seu "coração, com os bárbaros assassinatos" de seu pai e irmão, vindo a receber "sobre os ombros débeis um encargo pesadíssimo". Ainda foi destacada a "rainha de Portugal", que sofrera com a "tragédia inominável" e que, junto do "povo lusitano", sentia "as suas dores, se entristece com a sua desdita e lamenta a sua inópia". Também foi enfatizada a figura do Conselheiro João Franco, apontado como "fogoso político português", que, "com sua política ditatorial" motivara, "indiretamente, a funesta tragédia desenrolada em Lisboa"<sup>42</sup>.

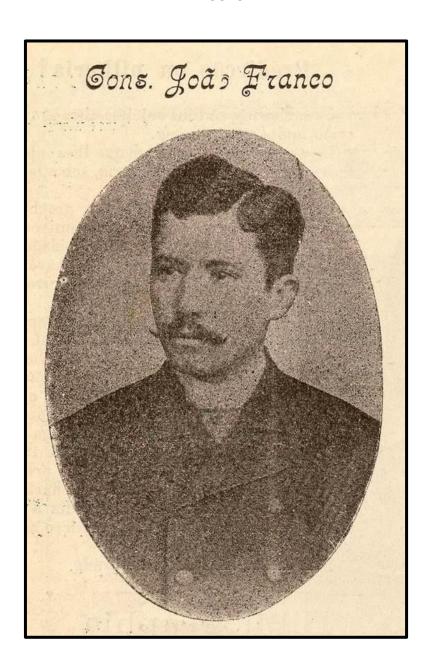
<sup>42</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 15 fev. 1908.











Publicada na cidade de São Paulo entre 1903 e 1924, com diversas suspensões em sua distribuição, esteve a revista *Vida Paulista*. Ao longo de sua existência, teve várias interrupções em sua circulação, bem como inaugurou novas fases, correspondendo a certas modificações menos ou mais acentuadas em sua estrutura editorial e/ou gráfica. Tal publicação caracterizou-se pela pluralidade em suas tendências gráficas<sup>43</sup>, notadamente em sua composição iconográfica na qual mesclava fotografias e caricaturas. Em seu frontispício apresentou-se como "semanário ilustrado", chegando a propor como temáticas centrais "humorismo, crítica e arte", anunciando que possuía "grande circulação em todo o Estado". Posteriormente, buscou identificar-se, por curto período, como "publicação semanal ilustrada de *A Notícia*". Declarava ainda que tinha um "programa de órgão crítico" e "independente"<sup>44</sup>.

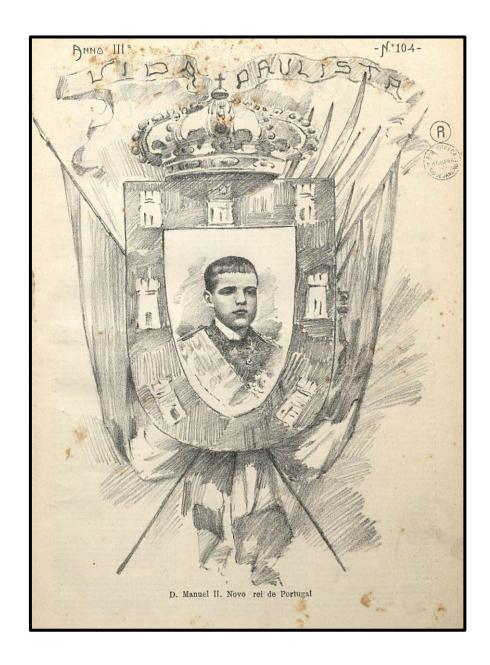
A Vida Paulista repercutiu o regicídio luso por meio do artigo "Sucessos de Portugal", no qual opinava que "a crise política em Portugal não data do reinado do infeliz D. Carlos", vindo ela "de longe, acrescida sempre pelos erros dos partidos monárquicos, surdos a todos os reclamos e exigências populares", de modo que tais dificuldades trouxeram consigo a "situação excepcional" que acabara de vitimar o rei e seu primogênito. Considerava que "o amor dos portugueses ao seu rei e à sua pátria tem sido, em todas as circunstâncias de uma evidência tradicional", mas que "a exacerbação, a paixão política pode conduzir aos maiores excessos". Questionava ainda qual o mal que teriam

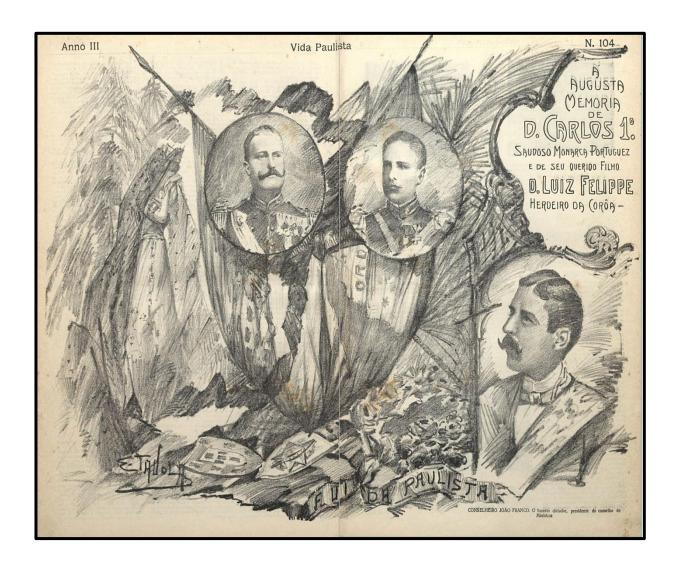
<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> MARTINS, 2008, p. 492.

<sup>44</sup> VIDA PAULISTA. São Paulo, 12-13 nov. 1904.

executado os mortos "para serem tão cruelmente assassinados", e trazendo por resposta que, no caso de existência, seria "um mal político", para o qual, como "castigo bastaria a perda do trono ou a perda de dinastia". A revista expressava "os seus mais sentidos pêsames à honrada colônia portuguesa, coparticipando, com sinceridade, da sua eterna dor, do seu mais pungente sofrer". O periódico trazia também alguns dados biográficos de Carlos I, tecendo elogios ao personagem, como ao dizer que ele "era de uma afabilidade" e "de uma simpatia extrema", além de "generoso e bondoso", não vindo a recorrer "em vão à sua magnanimidade", de modo que, "mesmo para os seus mais intransigentes adversários, sempre teve um gesto de perdão", bem como, "na vida íntima era de uma simplicidade extraordinária". Foram ainda traçadas algumas linhas sobre o príncipe morto e o novo soberano lusitano. Na parte ilustrada, aparecia o retrato de D. Manoel, emoldurado pelo escudo luso e uma alegoria aos mortos"<sup>45</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> VIDA PAULISTA. São Paulo, 6 e 7 fev. 1908.





A revista paulistana buscou isentar os propugnadores lusos do pensamento antimonárquico quanto a possíveis implicações no regicídio. De acordo com ela "não é possível que o monstruoso atentado contra o rei de Portugal e o seu filho mais velho – o herdeiro do trono –", considerado como um "assassínio covarde e revoltante, tenha sido a execução inicial de um vasto plano revolucionário traçado pelo partido republicano daquela nação pequenina e gloriosa". Demarcava assim que "não se deve absolutamente tornar responsável por aquela tragédia inesperada e injustificável essa plêiade brilhante de portugueses ilustres que dirigem a propaganda democrática", pois, por serem "homens de largo descortino, de grande cultura intelectual e devotado amor à pátria em que nasceram, jamais aconselhariam semelhante liquidação de contas", uma vez que saberiam que "não é derramando sangue inocente que se consegue captar as simpatias de um povo, para inaugurar uma nova forma de governo". Considerava assim que o ocorrido só poderia "ser atribuído à exaltação de um pequeno grupo de portugueses, transviados da órbita da razão, quiçá filiados" ao anarquismo. Apontava também que "o verdadeiro responsável por essa cena sanguinolenta é o conselheiro João Franco", descrito como uma "funesta figura política", que "resvalou pelo declive da ditadura ou do despotismo e mostrando de quanto é capaz um vilão quando lhe outorgam ilimitados poderes". Desse modo, tal personagem foi responsabilizado como aquele que "provocou essa revolta de um pequeno grupo de exaltados", sendo "sobre a sua cabeça que deve cair o anátema" da culpa. Argumentava finalmente que seria preferível a manutenção de uma "monarquia carunchosa, a

uma república que precise do braço dos sicários para se levantar triunfante e ensanguentada sobre os cadáveres que amontoe"46.

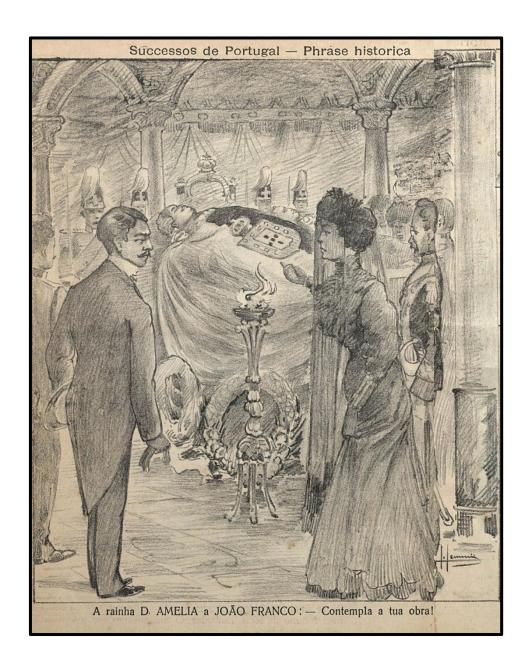
A publicação ainda traria ilustração que representava os funerais das vítimas do regicídio, na qual a rainha portuguesa reclamava do político que liderara até então o gabinete luso, imputando-lhe a culpa pelo crime ao chamarlhe atenção e dizer que ele deveria contemplar a sua obra<sup>47</sup>. O periódico trouxe ainda um registro fotográfico do rei morto preparando-se para uma caçada, além de uma "silhueta do saudoso príncipe D. Luís Felipe" e outra "de D. Manoel, atual rei de Portugal". Apareceram também fotografias sobre as solenidades fúnebres, lugares lisbonenses e membros da Família Real, além de ilustrações que estampavam os retratos dos regicidas. Foi publicado igualmente artigo em homenagem à nação lusa, intitulada "A Portugal", o qual afirmava que "o estrondo das carabinas cruéis" abalara o país, por tratar-se de um "crime covarde e vil". Comentava também que "a revolução que se faz com sangue dá sempre frutos azedos e não pode contar com a simpatia humana", já que "a tirania dos reis é odiosa, mas a maldade do povo envilece a humanidade"48. Mais tarde, a *Vida Paulista* ainda traria em sua capa uma "reconstrução exata da cena do atentado contra os soberanos portugueses no Terreiro do Paço"49.

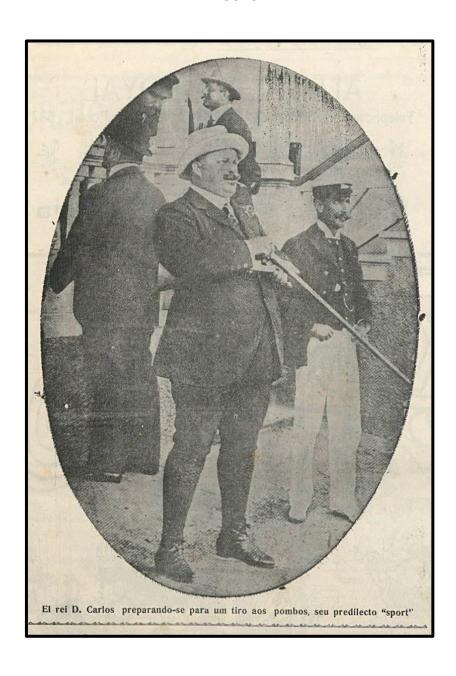
<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> VIDA PAULISTA. São Paulo, 13 e 14 fev. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> VIDA PAULISTA. São Paulo, 20 e 21 fev. 1908.

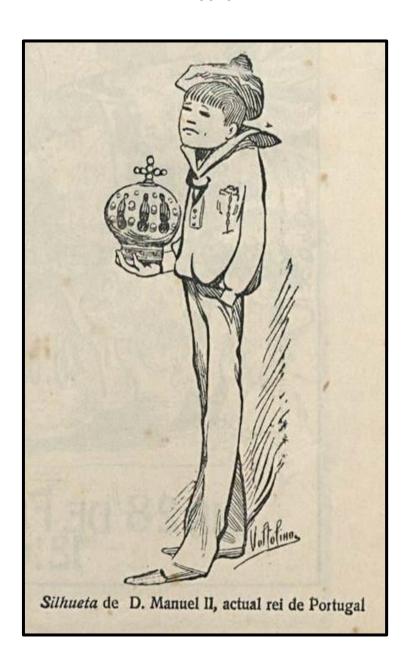
<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> VIDA PAULISTA. São Paulo, 27 e 28 fev. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> VIDA PAULISTA. São Paulo, 26 e 27 mar. 1908.













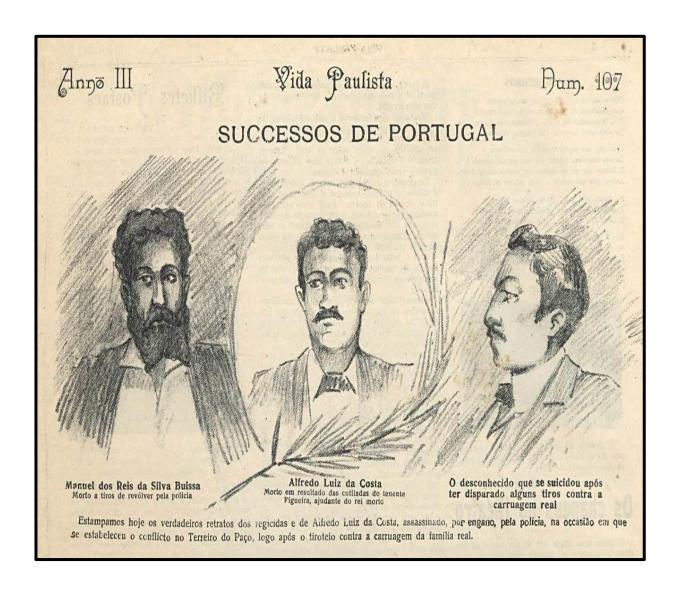


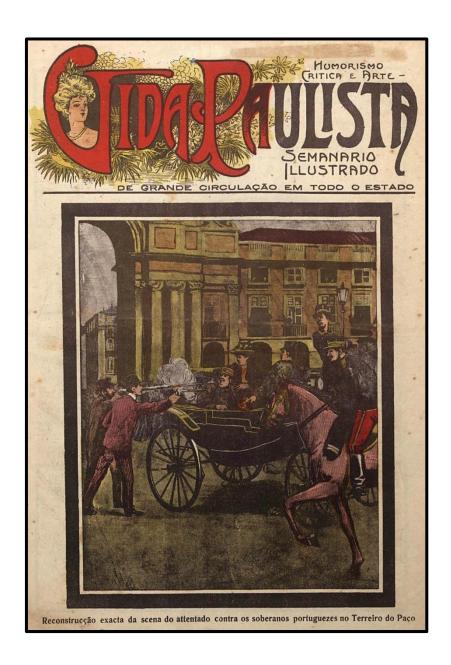












As revistas brasileiras levaram ao seu público leitor uma variada gama de abordagens sobre o regicídio português, envolvendo primordialmente registros imagéticos. Tais periódicos apresentaram diversificados detalhes sobre os personagens assassinados, envolvendo desde suas presenças oficiais até momentos do cotidiano, bem como os agentes da vida política portuguesa de então e lembranças de lugares da capital lusitana. A intenção fundamental das publicações era também a preservação da memória em torno das vítimas, bem de acordo com a perspectiva de encarar a morte naquele momento. O protagonismo noticioso coube preferencialmente aos mortos e à família e, quanto à busca das causas pelo acontecimento, prevaleceu o enfoque sobre a crise política que assolava Portugal, assim como houve também a meta de buscar isentar o republicanismo pelo assassínio. Várias delas lamentaram que o regicídio viria a impedir definitivamente a planejada visita do soberano luso ao Brasil. Em sua maioria, as construções textuais e iconográficas dessas magazines estabeleceram uma visão espelhada, ao observar Portugal e refletir sobre o Brasil, no intento de mostrar uma suposta necessidade de respeito às instituições e aos governantes, como maneira de garantir a estabilidade.

# O ATENTADO REGICIDA EM REVISTAS ILUSTRADAS PORTUGUESAS: DOIS BREVES ESTUDOS DE CASO

Assim como agitou a sociedade portuguesa daquele início de século XX, o regicídio constituiu tema profundamente impactante no seio do jornalismo luso. Na virada do século XIX à centúria seguinte, apesar da crise que afetava o país, Portugal passava por uma etapa de significativo crescimento quantitativo e qualitativo em suas práticas jornalísticas<sup>50</sup>. Circulavam periódicos das mais variadas naturezas e gêneros, constituindo uma imprensa que se concentrava nas maiores cidades, principalmente Lisboa e Porto, mas que se espalhava pelo conjunto do território nacional, constituindo um jornalismo regional eficaz e bem organizado. Em meio a publicações noticiosas, políticas, caricatas, satíricas, operárias, religiosas, entre tantas outras, destacaram-se no contexto lusitano as revistas ilustradas. Nesse quadro, permanecia o entendimento de que a ilustração não só embelezava o texto, tornando-o mais atrativo, mas também ajudava à sua compreensão, identificando melhor o leitor com o fato descrito, de

\_

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> A respeito do jornalismo português no período, ver: TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.; TENGARRINHA, José M. Imprensa. In: SERRÃO, Joel (dir.). Dicionário de História de Portugal. Porto: Figueirinhas, 2000. v. 3.; RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996.; CUNHA, Alfredo da. Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; MANSO, Joaquim. O jornalismo. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; ARANHA, Pedro W. de Brito. Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900.; ARANHA, Pedro W. de Brito. Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers). Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. O jornalismo português: resenha cronológica. Lisboa: Tip. Soares, 1895.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Os jornais portugueses: sua filiação e metamorfoses. Lisboa: Imp. de Libanio da Silva, 1897.; e PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Movimento evolutivo do jornalismo político em Portugal no século XIX. In: *Revista de Sciencias Lettras e Artes*. Lisboa, 1(2) jul. 1901, p. 52-57; 1(3).

modo que a imprensa ilustrada permitia mais facilmente transmitir mensagem aos menos letrados que tinham dificuldades de leitura ou mesmo eram analfabetos<sup>51</sup>. Dentre essas publicações ilustradas que abordaram o crime perpetrado contra D. Carlos e seu imediato sucessor estiveram *O Ocidente* e *Brasil – Portugal*, que aparecem nesta pesquisa como dois brevíssimos estudos de caso acerca da reação do periodismo português diante do regicídio.

Uma das melhor elaboradas e mais longevas publicações ilustradas que circulou em Portugal foi *O Ocidente*, quinzenário editado em Lisboa entre os anos de 1878 e 1915<sup>52</sup> e que ostentava em seu cabeçalho a inscrição "revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro". Em seu prospecto, declarava que "o empreendimento de uma publicação ilustrada" que exprimisse "justamente o estado da arte em Portugal" e fosse exclusivamente lusa, que caracterizasse "o espírito público nacional" e correspondesse à necessidade que tinham "todos os povos de afirmar a sua individualidade moral e o seu modo de ser no concerto das civilizações", não poderia "ser apenas uma obra de interesse particular", e sim "um dever impreterível de interesse público", o que serviria para justificar a sua edição. Nesse sentido, garantia que serviria "à ideia civilizadora de trazer para a evidência da luz, a vida nacional" que palpitava "no mundo obscuro do esquecimento público". *O Ocidente* prometia reproduzir gravuras "dos monumentos nacionais, das curiosidades arqueológicas de todo o velho mundo",

\_

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa (das origens a 1865).* Lisboa: Círculo de Leitores, 2013. p. 865-866.

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa: Biblioteca Nacional 2002. v. 2. p. 137-138.

bem como "dos grandes homens do passado e os contemporâneos dignos de homenagem nacional". Explicava que, em suas páginas, "tanto nacionais como estrangeiros", teriam "um lugar na galeria das celebridades". Além disso, destacava que "a indústria agrícola e manufatureira; a navegação, o comércio, a guerra, a religião, os costumes, as invenções, as viagens" e, enfim, toda uma "multidão de fatos comovedores e palpitantes de que o mundo moderno era teatro", seriam "comentados com o lápis e com a pena na galeria pitoresca e multiforme da publicação". Tinha ainda a expectativa de dedicar um cuidado especial à exploração portuguesa na África e à reprodução de obras de artistas portugueses. Em relação a outras revistas ilustradas editadas fora de Portugal, enfatizava que não poderia nem pretendia "rivalizar em magnificência com as publicações estrangeiras do mesmo gênero", mas desejava "ser portuguesa pelas forças" que a haveria de produzir, "sendo ao mesmo tempo universal pelo espírito" que iria dominar, de modo que esperava boa recepção do público português ilustrado, bem como dos "irmãos do Brasil" 53.

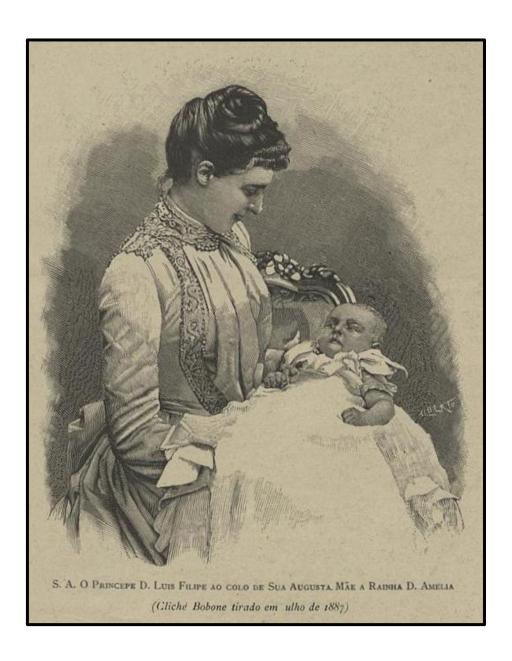
Bem de acordo com seu enfoque predominantemente noticioso, *O Ocidente* publicou a matéria editorial intitulada "O atentado contra a Família Real", na qual esclarecia que a periodicidade da revista "não permitiu que ela mais cedo" viesse a "dar conta a seus leitores da horrorosa tragédia, e ainda menos lhe venha dar novidades sobre o lutuoso acontecimento, cuja notícia correu com a rapidez de todas as más novas", ainda "nas primeiras horas, e foi levada a todo o país e ao estrangeiro pela velocidade do telégrafo". O periódico

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup> O OCIDENTE. Lisboa. Prospecto (1877).

afirmava que, "primeiro de tudo", precisava "lavrar" o seu "protesto contra o monstruoso atentado, e muito sucintamente referir o caso", passando a descrever os detalhes do crime. Ainda de acordo com seu caráter informativo, a publicação esclarecia que, "da trágica cena que se passou na Praça do Comércio", não fora possível "apresentar nenhum desenho a nossos leitores pela razão, facilmente compreensível, do imprevisto do caso e não estar ali na ocasião nenhum fotógrafo ou desenhador". Argumentava que "apenas se poderia fazer alguma composição imaginada pelo artista, sem contudo se poder reputar documento autêntico em harmonia com a importância do acontecimento". A revista trazia ainda uma crônica que traçava um paralelo entre a ação do soberano e a do regicida, além de um artigo que apontava para as condições em que iria subir ao poder o novo monarca; outro com uma descrição biográfica de D. Carlos I e ainda um terceiro a respeito do novo ministério, com a descrição a respeito da vida pública de cada um de seus integrantes. Quanto aos registros iconográficos apareciam vários retratos dos integrantes da Família Real, dos membros do ministério que assumia o governo e do político que chefiara o gabinete anterior, além da fotografia de um ângulo do logradouro onde ocorrera o atentado<sup>54</sup>.

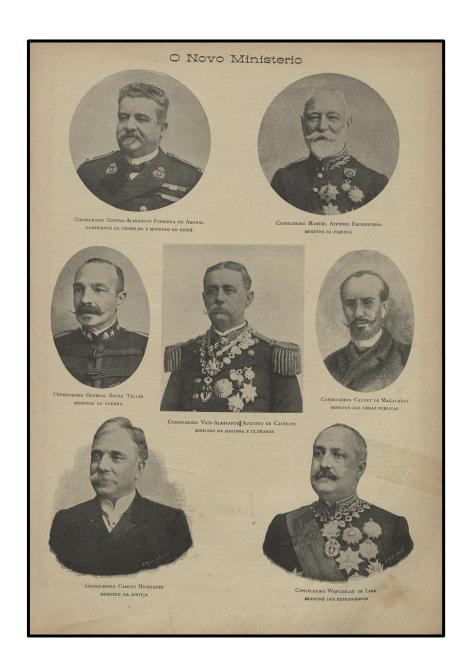
<sup>54</sup> O OCIDENTE. Lisboa. 10 fev. 1908.















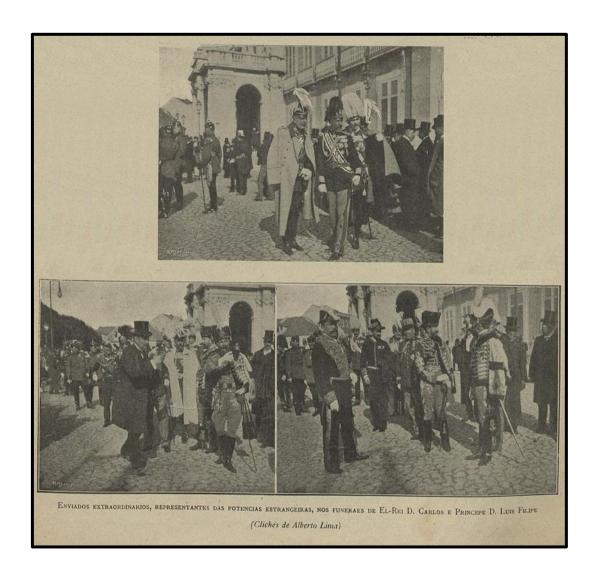
A revista ilustrada lisbonense ainda divulgaria pormenores dos funerais das vítimas do regicídio, informando que, "durante os sete dias que decorreram desde o atentado até o funeral, houve uma constante peregrinação de pessoas de todas classes sociais" até o local do féretro, além dos "representantes dos monarcas estrangeiros e embaixadores extraordinários das potências, para tomarem lugar no fúnebre cortejo", tendo sido "tomadas todas as precauções de segurança" que a situação impunha. Descrevia que, apesar de constituir um dia de sol, durante o funeral, "Lisboa apresentava triste aspecto", trazendo minúcias sobre o cortejo funéreo. Tais solenidades foram também cobertas por meio da fotorreportagem<sup>55</sup>. Revelando o impacto do acontecimento luso em terras brasileiras, *O Ocidente* trouxe vários registros acerca das exéquias de D. Carlos e D. Luís Felipe no Brasil<sup>56</sup>, bem como daquelas realizadas em Lisboa<sup>57</sup>.

<sup>-</sup>

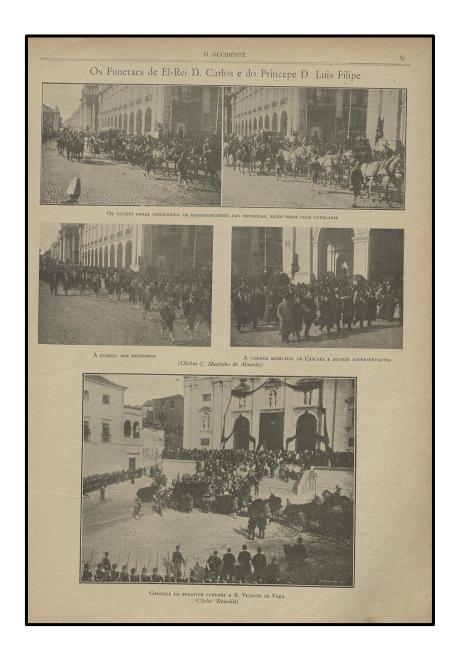
<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> O OCIDENTE, Lisboa, 20 fev. 1908.

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> O OCIDENTE. Lisboa. 10 abr. 1908.

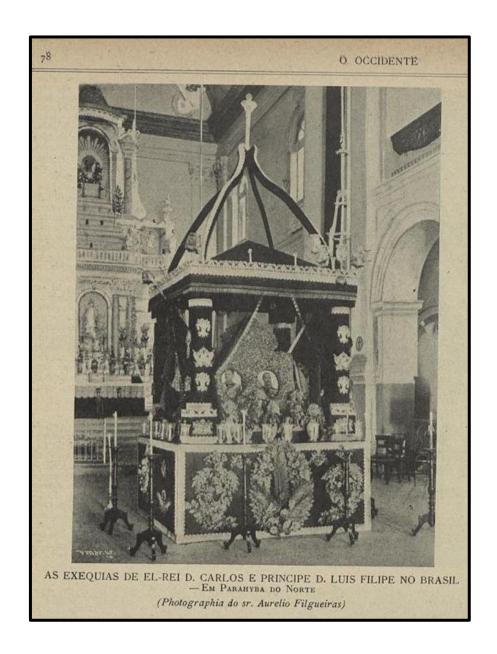
<sup>&</sup>lt;sup>57</sup> O OCIDENTE, Lisboa, 30 abr. 1908.

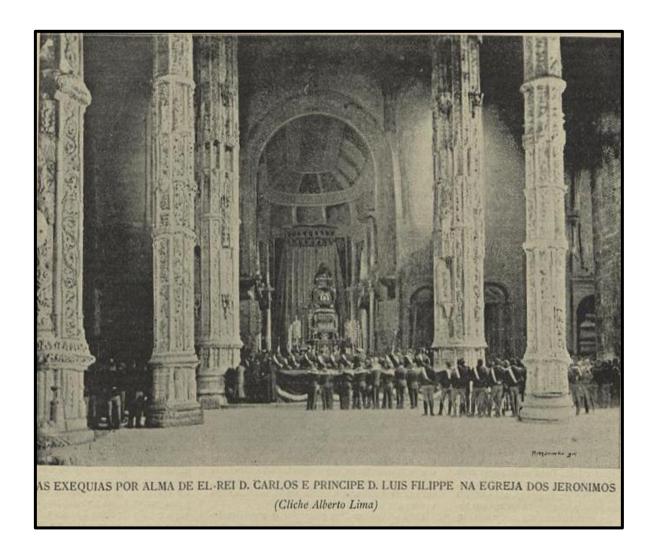














Também em Lisboa circulou uma publicação ilustrada especializada em assuntos luso-brasileiros, cuja circulação estendeu-se de 1899 a 1914<sup>58</sup>. Seu título era *Brasil – Portugal* e apresentava-se como "revista quinzenal ilustrada", constituindo uma edição de significativo primor gráfico, adicionando, inclusive, o uso da fotografia. Abordava questões comerciais, financeiras, sociais, turísticas e culturais entre ambos os países, buscando contar com um seleto grupo de colaboradores tanto na parte textual, quanto na artística<sup>59</sup>. Essa revista teve a colaboração de figuras emblemáticas dos meios cultural, social e político, trazendo a público, não só o âmago dos interesses que uniam as comunidades portuguesa no Brasil e brasileira em Portugal, como também a própria história de ambos os países, da Europa e do mundo, através da publicação de textos de elevada qualidade, redigido por importantes personalidades de ambos os lados do Atlântico<sup>60</sup>.

Nas páginas de *Brasil – Portugal* destinadas a narrar o regicídio, houve um certo protagonismo do novo soberano que substituía o rei falecido. Segundo a revista, "em circunstâncias verdadeiramente trágicas subiu ao trono o filho mais novo dos reis de Portugal", descrevendo que D. Manoel assistira "ao bárbaro assassinato" de seu pai e irmão. Opinava ainda que "um atentado desta

\_

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 131.

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> BRASIL – PORTUGAL. Lisboa, 1º fev. 1899.

<sup>60</sup> COELHO, Thierry Dias. O silêncio dos conspiradores: Revista Brasil – Portugal (1899-1914). In: SARMENTO, Cristina Montalvão (coord.). Culturas cruzadas em português – redes de poder e relações culturais – Portugal e Brasil, séc. XIX e XX: influências, ideários, periodismo e ocorrências. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2012. v. 2. p. 81.

monstruosidade" não havia sido registrado "na História portuguesa, nem tem símile na de outros países". Dizia que, após o "duplo regicídio", o novel monarca "subiu ao trono ensopado em sangue", com seus "floridos dezoito anos", que "viram de perto o pavoroso espetáculo que nunca mais se lhe apagará da retina e da memória". Mostrando-se partidário do recém-empossado governo, o periódico afirmava que "D. Manoel inicia com atos de justiça, de lei, de clemência e de liberdade o seu reinado", em um quadro pelo qual "nenhum cidadão amante da monarquia" e "nenhum português amante da pátria" deveria "recusar, na esfera da sua ação" ao jovem rei, "o apoio sincero, ou da sua opinião, ou da sua confiança, ou do seu conselho, ou da sua atividade". Especificava ainda que o monarca assumia em "conjuntura grave", mas representava "a suprema garantia das instituições" e "o penhor supremo da soberania nacional". Os registros iconográficos da revista trazia os diversos membros da Família Real, o ministério que subia ao poder, as atividades fúnebres e os regicidas mortos<sup>61</sup>.

\_

<sup>61</sup> BRASIL - PORTUGAL. Lisboa, 16 fev. 1908.







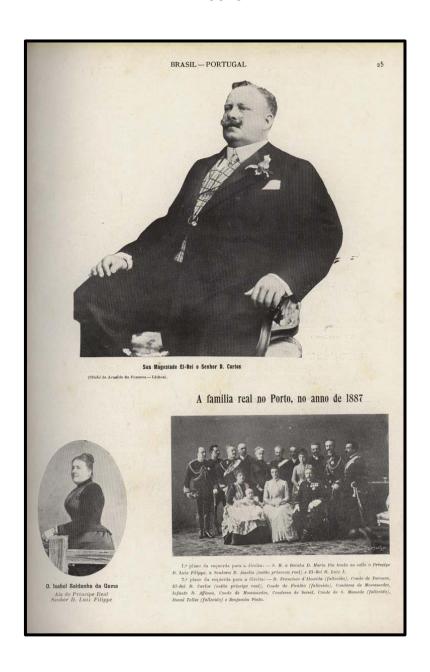


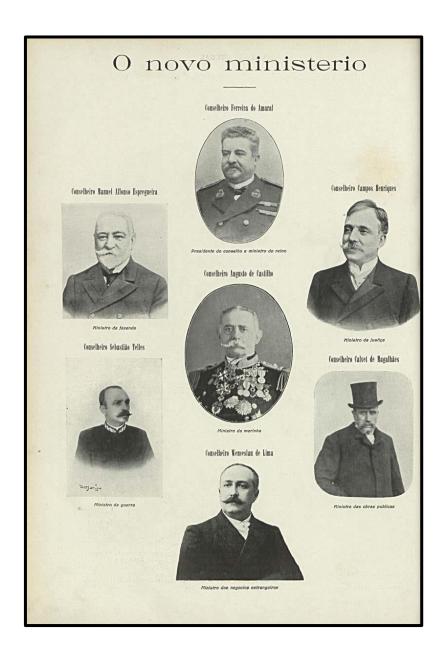




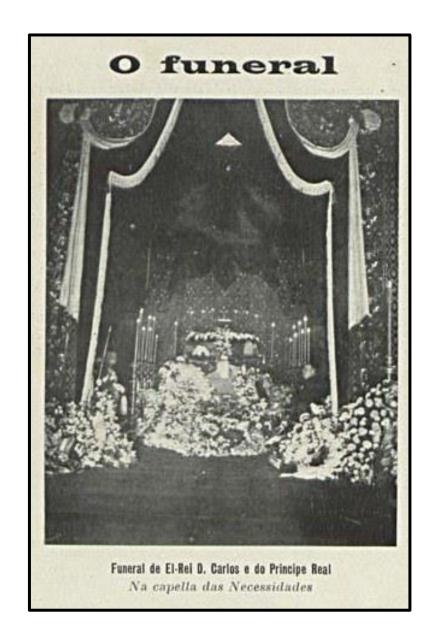


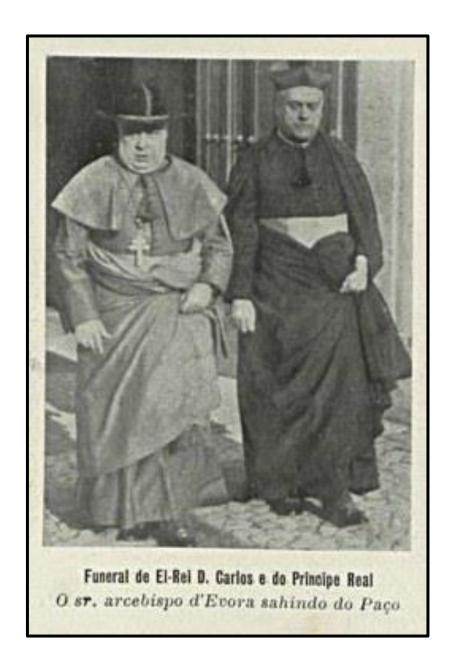




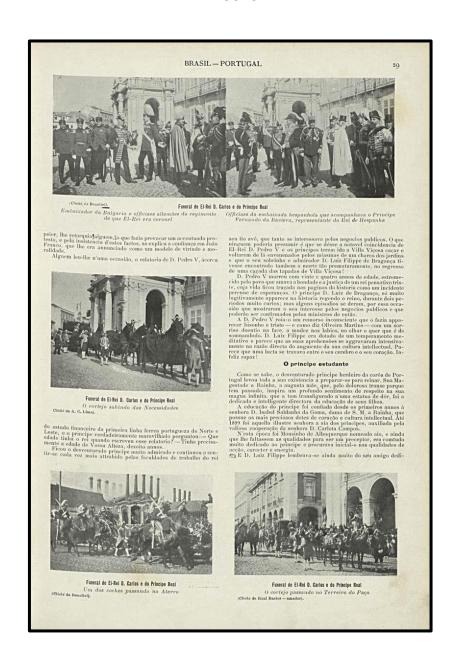




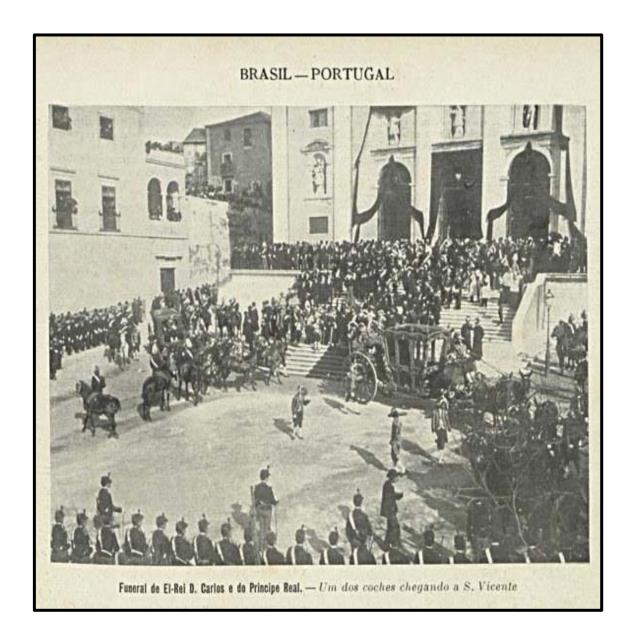


















Em outra edição, D. Manoel voltava a estampar a capa da revista, sendo também apresentados alguns de seus registros fotográficos, assim como do rei morto, em situações diversas e ainda de lugares que foram cotidianos ao soberano durante sua vida. O príncipe Luís Felipe também se fez presente, não só com retratos, mas também criações imagéticas de sua lavra. Um dos responsáveis pela edição, o almirante Augusto de Castilho, como membro do novo gabinete também esteve entre os destaques<sup>62</sup>. Já na capa seguinte figurava a rainha, havendo também fotografias tiradas pelo príncipe falecido<sup>63</sup>. A proposta de conexão Brasil – Portugal que inspirava a magazine se fez presente também ao tratar do regicídio, como ao mostrar as exéquias realizadas no Rio de Janeiro em homenagem às vítimas do assassinato, apresentando registros que revelavam significativa participação em tais solenidades. O príncipe real falecido e sua ação como fotógrafo foram mais uma vez evidenciados<sup>64</sup>.

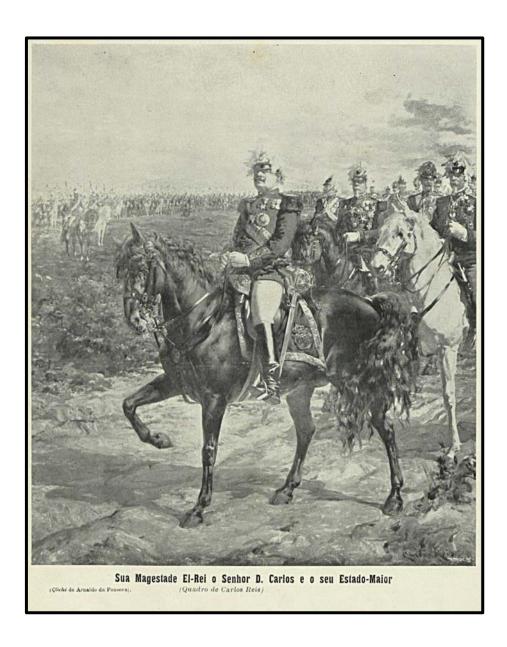
-

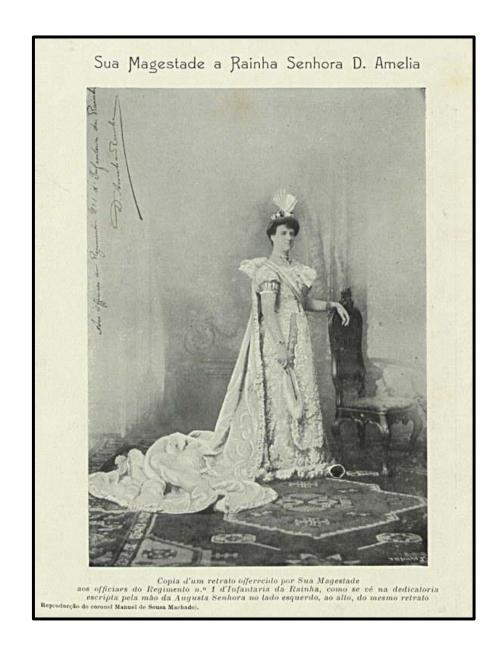
<sup>62</sup> BRASIL - PORTUGAL. Lisboa, 1º mar. 1908.

<sup>63</sup> BRASIL - PORTUGAL. Lisboa, 16 mar. 1908.

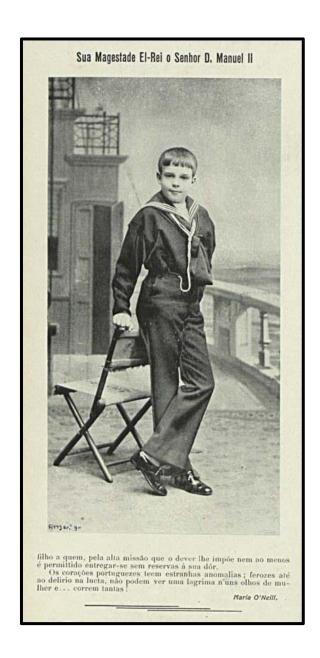
<sup>64</sup> BRASIL - PORTUGAL. Lisboa, 1º abr. 1908.

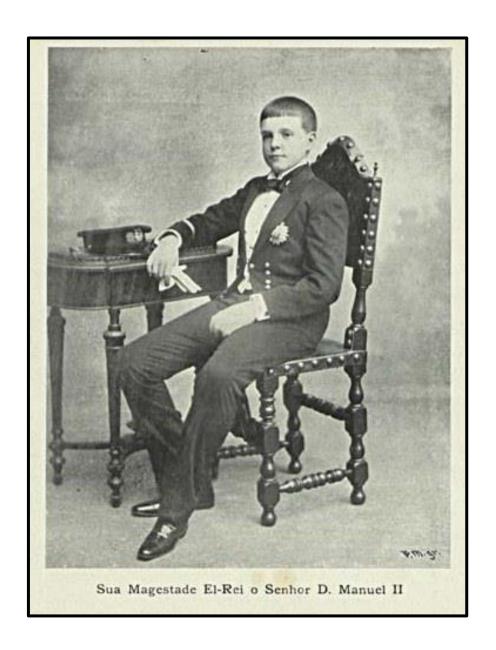














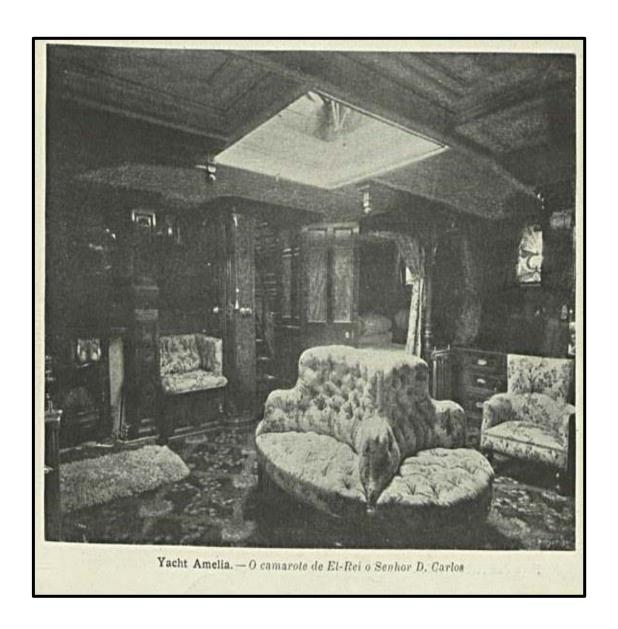


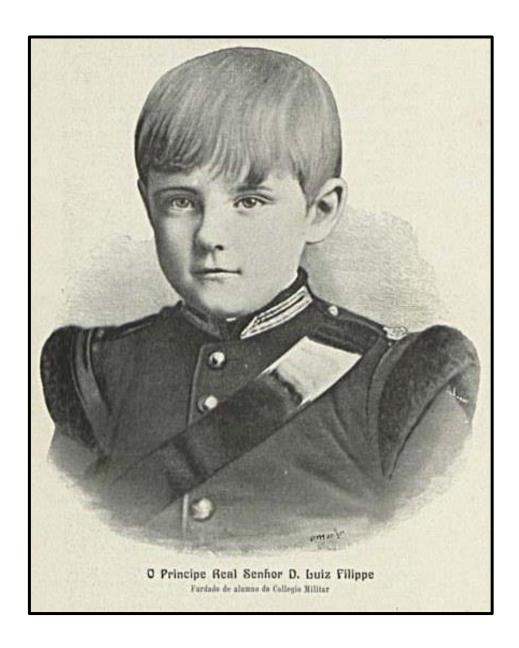


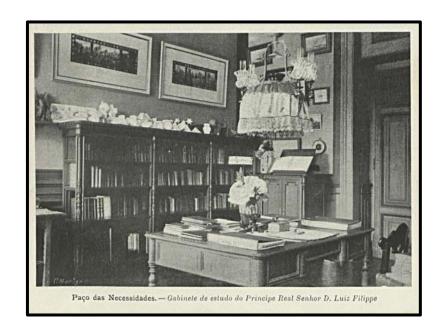


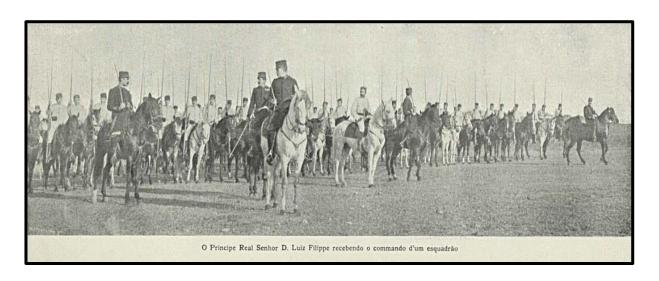




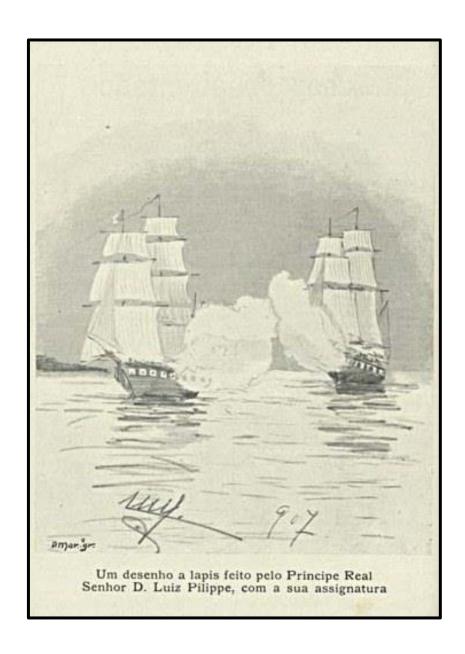




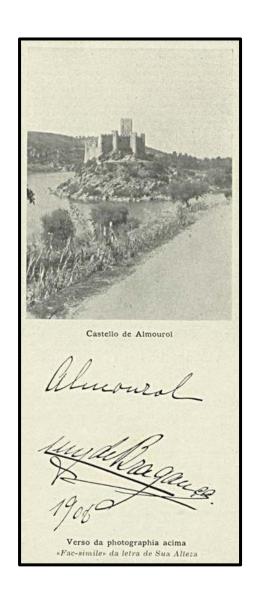










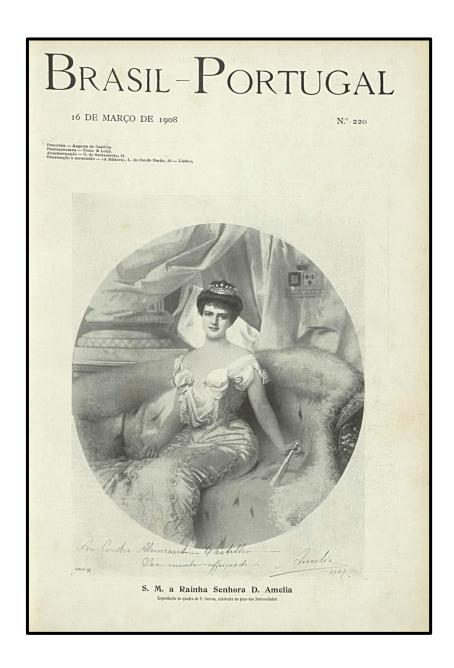






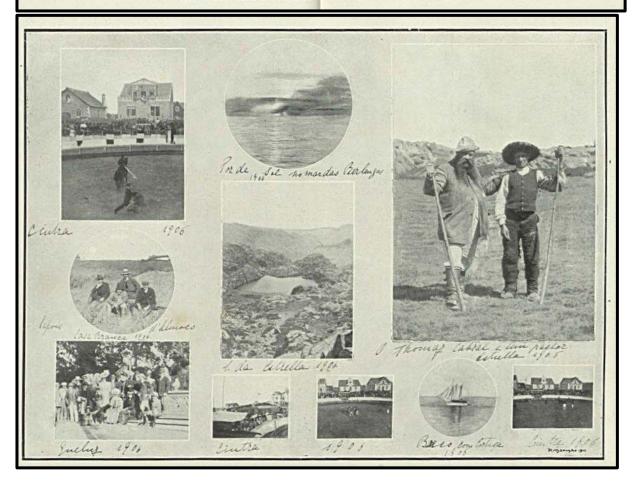






## Photographias tiradas pelo Principe Real Senhor D. Luiz Filippe

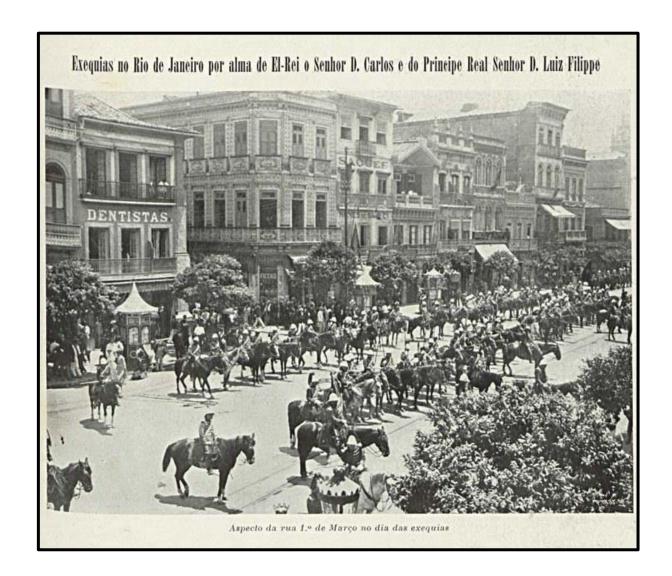
Do Album de S. A. R. existe e no Paço das Necessidades

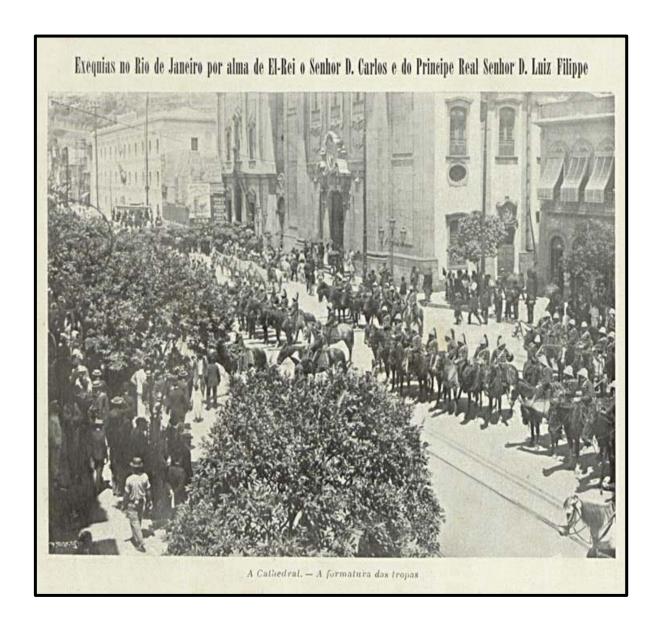


# Photographias tiradas pelo Principe Real Senhor D. Luiz Filippe

Do Album de S. A. R. existele no Paço das Necessidades

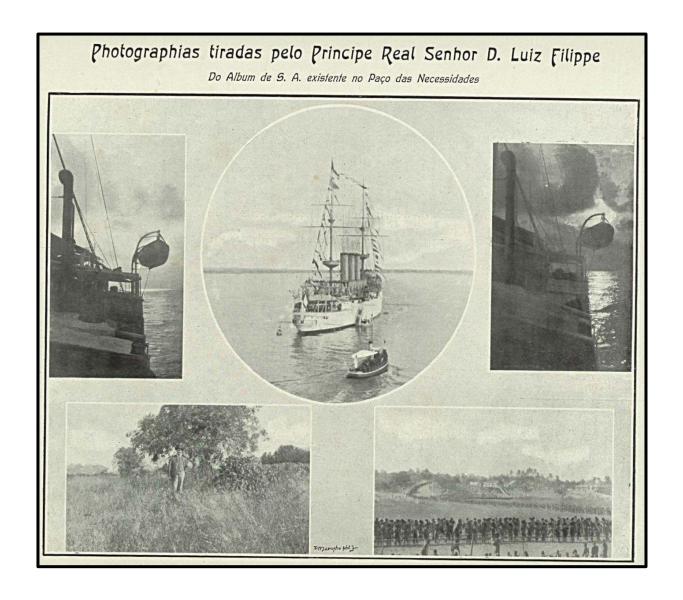












Estes brevíssimos estudos de caso revelam algumas das facetas pelas quais o regicídio foi encarado pela imprensa portuguesa. *O Ocidente* buscava manter a sua linha editorial com uma proposta propalada como essencialmente noticiosa, de modo que preferia trazer uma certa proeminência da informação, sem descuidar dos detalhes reproduzidos por meio do material iconográfico. *Brasil – Portugal*, por sua vez, teve a opção de não colocar o protagonismo no crime político em si, mas sim, privilegiar a conjuntura que do assassinato resultara, visando ao apoio incondicional ao novo monarca e à situação que se implantara, percebendo os riscos que se agravavam em relação à monarquia, bem como refletindo a participação de um dos idealizadores da publicação no governo que se instaurava. Ambas também contribuíram para a fixação na lembrança de seu público leitor da presença dos mortos, estabelecendo um padrão de influência junto à memória social, no sentido de valorização do status quo reinante.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.











IBSN: 978-65-89557-70-8